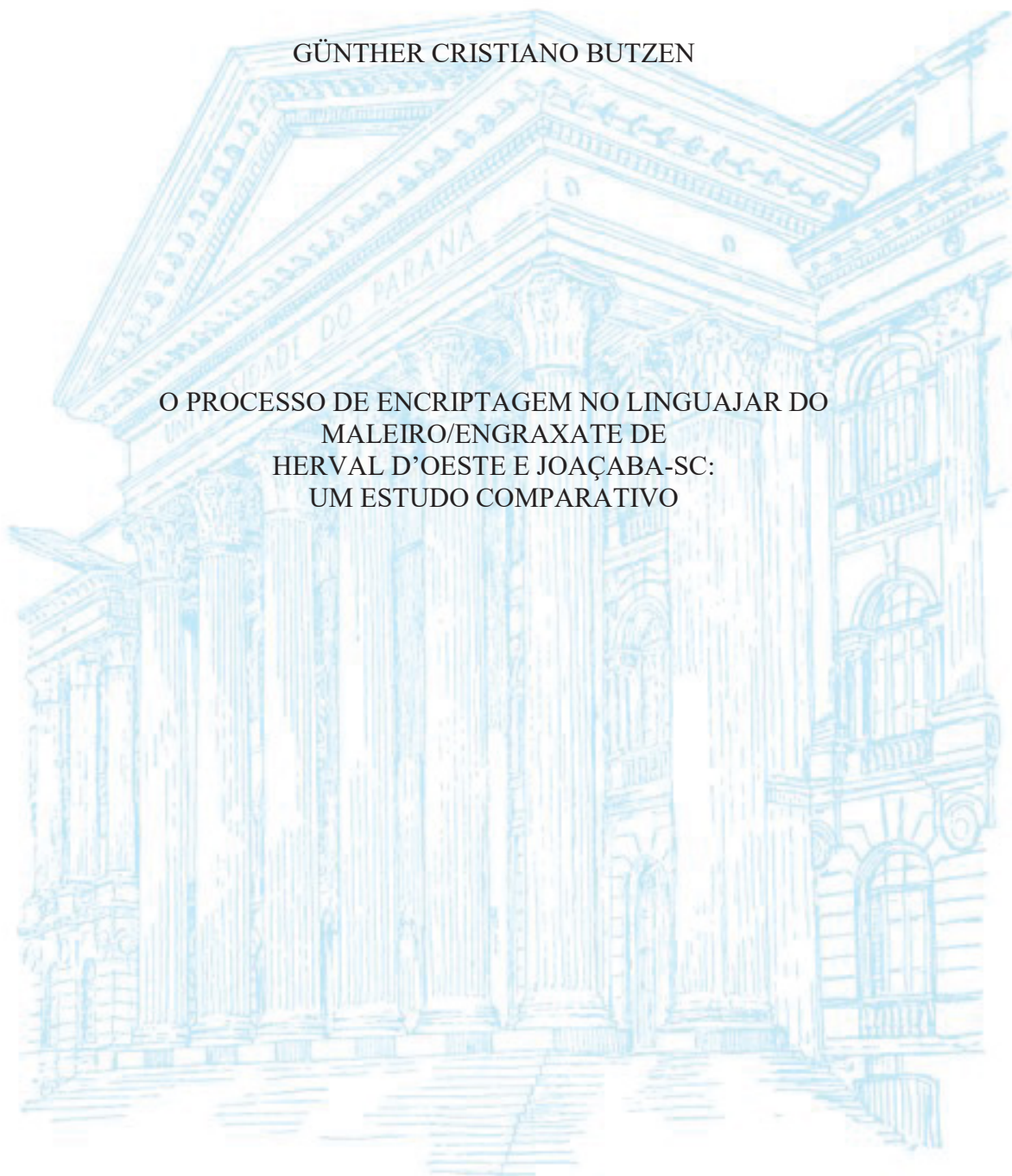


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR

GÜNTHER CRISTIANO BUTZEN

O PROCESSO DE ENCRIPAGEM NO LINGUAJAR DO
MALEIRO/ENGRAXATE DE
HERVAL D'OESTE E JOAÇABA-SC:
UM ESTUDO COMPARATIVO



CURITIBA / 2005

GÜNTHER CRISTIANO BUTZEN

O PROCESSO DE ENCRIPAGEM NO LINGUAJAR DO
MALEIRO/ENGRAXATE DE
HERVAL D'OESTE E JOAÇABA-SC:
UM ESTUDO COMPARATIVO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná como parte do requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Odete Pereira da Silva Menon

CURITIBA

2005

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Butzen, Günther Cristiano

O processo de encriptagem no linguajar do maleiro/engraxate de Herval d'Oeste e Joaçaba-SC. / Günther Cristiano Butzen. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Odete Pereira da Silva Menon.

1. Língua portuguesa - Gíria. 2. Linguajar. 3. Herval d'Oeste (SC) - Linguagem. 4. Joaçaba (SC) – Linguagem. I. Menon, Odete Pereira da Silva, 1953-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

DECLARAÇÃO

Declaro que **GÜNTHER CRISTIANO BUTZEN** teve sua dissertação de Mestrado intitulada “O PROCESSO DE ENCRIPAGEM NO LINGUAJAR DO MALEIRO/ENGRAXATE DE HERVAL D’OESTE E JOAÇABA – SC : UM ESTUDO COMPARATIVO” aprovada pela Banca Examinadora composta pelos professores doutores ODETE PEREIRA DA SILVA MENON, JOSÉ LUIZ DA VEIGA MERCER e ADELAIDE HERCÍLIA PESCATORI SILVA, dispondo de 60 (sessenta) dias, a contar da sessão pública de defesa, ocorrida em data de hoje, para entregar 08 (oito) exemplares da versão definitiva de seu trabalho, com o aval da professora orientadora (Res. 62/03-CEPE, Art. 61), ocasião em que receberá cópia da Ata de Defesa assinada pela Banca Examinadora.

Por ser verdade, firmo a presente.

Curitiba, 02 de dezembro de 2005.



Fernando Cerisara Gil
Coordenador



DEDICATÓRIA

Ao seo Mocotó e à dona Mara

A gíria constitui um vocabulário tipicamente oral. Sua presença na escrita reflete apenas um recurso lingüístico, com objetivos determinados, como, por exemplo, indicar a fidelidade de uma transcrição; criar uma interação mais eficiente do escritor com o seu leitor, como ocorre em algumas matérias jornalísticas; dar uma realidade maior ao diálogo literário ou teatral; comprovar um uso em desacordo com o vocabulário de falantes cultos, caso em que é usual transcrevê-la entre aspas, como ocorre na mídia jornalística; etc.

Dino Preti

La popularité du verlan ne l'empêche de rester hermétique pour les gens intéressants pas.

Vivienne Mela

Ce sont les deux fonctions de base de tous les argots: cryptique et ludique. À cela il faut en ajouter une troisième. C'est celle de la connivence au sein d'un groupe. Ce sont par exemple les jargons professionnels. Naturellement, l'argot varie selon les époques.

Pierre Merle

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Odete Pereira da Silva Menon, pela orientação segura e por ter me apresentado à apaixonante Sociolingüística.

À Rôse Maria Makowski, pelas conversas, pelas idéias, pelo incentivo, pela ajuda, pela crítica, pela preocupação, pelo entusiasmo e pela amizade. Valeu, mana!

Ao Alcides “Chico” Volpato, por ter dado o pontapé inicial na pesquisa acadêmica do linguajar; por ter me fornecido, em primeira mão, um exemplar da sua monografia; pelo incentivo; e por ter facilitado o contato com alguns dos informantes.

Aos senhores Alcarí Schizzi (Curinga) e Osvaldir Inácio de Oliveira Padilha, pelas informações e pela paciência que tiveram comigo.

À Sara, que, por cima do meu ombro, lia e se divertia com o assunto, pelo incentivo.

Ao Felipe (Chobi) Ratajenski, ao Márcio Lovato, ao Rodrigo “Kiko” Gehwer, aos meus alunos, e a todos que, num ou noutro momento, tiveram que aturar a minha verborragia sobre o assunto, pela paciência.

À vovó Genira, pela preocupação com as minhas idas a Curitiba.

Ao Frank Marcon, pelas discussões via MSN.

Ao Luiz Fernando (Nando) Spessatto, pelos papos e pelo *apoio técnico* com as gravações.

Ao Odair, pelo atendimento atencioso e eficiente no Departamento de Pós-Graduação em lingüística da UFPR.

Ao professor Dr. José Luiz da Veiga Mercer e à professora Dr^a. Adelaide H. P. Silva pelas grandes contribuições *científico-entusiastas* durante a qualificação.

RESUMO

Nesta pesquisa estudamos um fenômeno de linguagem que teve como palco duas cidades divididas pelo Rio do Peixe no Meio Oeste do estado de Santa Catarina. Ele teve início nos anos 1950 nos arredores da estação ferroviária, que era um ponto estratégico de desenvolvimento regional da época devido à falta de transporte para o escoamento da produção agrícola e transporte de passageiros. Isto levou a uma demanda por trabalhadores informais para fazerem pequenos serviços, tais como carregar as malas dos caixeiros-viajantes e passageiros em geral da estação até um hotel, engraxar sapatos, etc. Estas tarefas eram feitas, em sua maioria, por meninos que viviam nos arredores, o que lhes permitiu andar juntos, não somente para trabalhar, mas também para as brincadeiras na vizinhança. Santa Catarina tem um padrão de colonização semelhante ao de outros estados do Sul do Brasil e, até a atualidade, em muitas cidades e colônias, as pessoas ainda falam a língua dos seus antepassados. Nos anos 1950, a quantidade de pessoas falantes de uma língua européia que passava pela estação era ainda maior. Aqueles meninos se sentiam diuinuidos por não entenderem o que os seus clientes conversavam, então eles criaram um código de encriptagem para fazer o português brasileiro deles soar como língua estrangeira. Eles criaram uma gíria encriptada, assim eles podiam falar sem serem compreendidos. Este código é baseado na inversão de alguns fonemas, como acontece com a gíria francesa *verlan* [vɛʁ'lã], que é a forma inversa de *l'envers* [lã'veʁ]. Quando este trabalho com o *linguajar* começou, o objetivo era descrever esse código. No momento em que se percebeu não ser possível trabalhar com todas as palavras para uma pesquisa como esta, optou-se por descrever apenas as dissílabas. Foram estas as escolhidas por serem as mais comuns no português brasileiro e carregarem um sinal morfológico de encriptagem, normalmente a inversão das sílabas e/ou inserção de fonemas, que parece ser o modelo para os monossílabos, trissílabos, etc. Também tentamos identificar o comportamento dos papéis sociais envolvidos quando esta gíria encriptada é enunciada.

Palavras-chave: Linguajar do maleiro/engraxate, Herval d'Oeste/Joaçaba, encriptagem, gíria.

ABSTRACT

In this research, we studied a language phenomenon that took place in two small cities divided by a river called *Rio do Peixe* in the middle west of Santa Catarina state. It began in the 1950s' in the surrounding area of a train station, which was a strategic point of regional development back then due to the lack of transportation. This led to the demand for informal workers to perform small tasks, such as carrying visitor businessmen's luggage from the station to a hotel, to shine people's shoes, and so on. These tasks were performed mostly by young boys, and this allowed them to get together, not only to work but also to play in the neighborhood. Santa Catarina shares a similar pattern of settlement with other parts of Southern Brazil and, even nowadays, in many cities and villages, many people still speak the language of their forebears. In the 50s' the number of people who speak a European language passing through the station was even bigger. Those boys felt diminished once they did not understand what their clients were saying. Therefore, they created an encryption code to make their Brazilian Portuguese sound similar to a foreign language. They have created an encrypted slang, so they could speak without having someone understanding what they were saying. This code is based on the inversion of some phonemes, just like what happens with the French slang *verlan* [vɛʁ'lɑ̃], which is the inverted form of *l'envers* [lɑ̃'veʁ]. When this work began, it aimed at describing this whole code. Once it was clear that it would not be possible to work on all kinds of words for a paper like this one, it was decided to describe only the disyllables. These were chosen because they are the most common in Brazilian Portuguese and carry a morphological sign, normally syllable inversion and/or the insertion of a phoneme, which seems to be the model for the monosyllables, trisyllables, etc. I also tried to identify the behavior of the social roles involved when this encrypted slang is enounced.

Key-words: *Maleiro/engraxate* language, Herval d'Oeste/Joaçaba, encryption, slang.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	(p. 12)
2. OBJETIVOS	(p. 16)
3. REFERENCIAL TEÓRICO	(p. 22)
O <i>VERLAN</i>	(p. 22)
A Regra Básica do <i>Verlan</i>	(p. 24)
Monossílabos.....	(p. 25)
Polissílabos	(p. 25)
Os Casos Especiais	(p. 26)
OS TERMOS <i>ENCRIPITAR</i> E <i>LINGUAJAR</i>	(p. 27)
A Gíria Rimada Cockney.....	(p. 33)
4. HIPÓTESE	(p. 37)
5. METODOLOGIA	(p. 42)
DA COLETA DOS DADOS	(p. 42)
DA ANÁLISE DOS DADOS	(p. 48)
6. ANÁLISE DOS DADOS DO LINGUAJAR	(p. 49)
DAS DISSÍLABAS DO LINGUAJAR	(p. 51)
CASO 1	(p. 51)
CASO 2	(p. 54)
CASO 3	(p. 56)
DOS MONOSSÍLABOS	(p. 57)
DOS POLISSÍLABOS	(p. 59)
DOS CASOS ESPECIAIS	(p. 60)
Vocábulos <i>a priori</i> próprios do linguajar	(p. 60)
Da Gíria em Gíria Encriptada	(p. 61)

7. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DO LINGUAJAR	(p. 62)
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	(p. 69)
9. REFERÊNCIAS	(p. 74)
10. ANEXOS	(p. 78)

ÍNDICE DAS QUADROS

Quadro 1: Comparativo da Regra básica do linguajar, verlan e vezre.....	(p. 18)
Quadro 2: Regra básica do <i>verlan</i>	(p.22)
Quadro 3: Monossílabos do <i>verlan</i>	(p.23)
Quadro 4: Polissílabos do <i>verlan</i>	(p.25)
Quadro 5: Possibilidades distintas de verlanização de um mesmo vocábulo.....	(p.25)
Quadro 6 Resultados distintos do processo de verlanização.....	(p. 25)
Quadro 7: Sintaxe do linguajar vs. Sintaxe do português brasileiro...(p.35)	
Quadro 8: Sintaxe do linguajar vs. Sintaxe do português brasileiro..(p.36)	
Quadro 9: Dissílabos do linguajar – Caso 1.....	(p.53)
Quadro 10: Dissílabos do linguajar – Caso 2.....	(p.55)
Quadro 11: Dissílabos do linguajar – Caso 3.....	(p.56)
Quadro 12: Monossílabos do linguajar.....	(p.58)
Quadro 13: Vocábulos <i>a priori</i> próprios do linguajar.....	(p.59)

ÍNDICE DE FIGURAS

Capa da revista <i>Wallaye!</i>	(p.21)
Charge da revista <i>Língua Portuguesa</i>	(p. 62)

ÍNDICE DOS ANEXOS

1. Resumo das entrevistas de Volpato (2003).....(p.78)
2. *Fac simile* do glossário de vocábulos do linguajar extraído de Volpato (2002).....(p.80)
3. Entrevista com Alcarí Schizzi (Curinga) em 19/01/2004.....(p.84)
4. Matéria do jornal *A Notícia*.....(p.85)
5. Entrevista com Alcarí Schizzi (Curinga) em 11/09/2004.....(p.86)
6. Reanálise do Anexo 2.....(p.87)
7. O linguajar no *orkut*.....(p.91)
8. Montagem de diálogo.....(p.101)
9. O *Dicionário da Gíria Hervalense*, de Antônio Dallacosta.....(p.103)
10. CD com as gravações do Anexo 5 e do Anexo 8.....(p.104)

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

No ano de 2003 foi publicado, como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Plena em História pela UNOESC – Campus de Joaçaba, pelo acadêmico Alcides Volpato, um estudo intitulado *Linguajar do maleiro/engraxate de Herval d’Oeste e Joaçaba — Década de 50, 60 e 70 — Peculiaridade de um estilo de comunicação singular*. A pesquisa de Volpato, de cunho antropológico, remonta às décadas de 50, 60 e 70 através de 15 entrevistas¹ com falantes do *linguajar* das diferentes gerações, enfatizando cronologicamente a história na sua gênese e a sua preservação 50 anos depois de seu nascimento. A monografia de Volpato é o primeiro trabalho de caráter acadêmico que aborda este *linguajar*² cuja existência é bem conhecida da população dessas duas cidades divididas apenas pelo Rio do Peixe no Meio-Oeste catarinense. Passo, agora, a optar por manter o uso do termo *linguajar* (a partir daqui, o termo *linguajar* não será mais destacado em itálico) por três motivos. Primeiro porque, *a priori*, parece-me que as pessoas se referem a ele por um sem-número de maneiras (*linguajar*, *gíria*, *Hervalês*, *Língua de Herval d’Oeste*, *o idioma* — este último acentuando o artigo definido —, *língua dos engraxates*, etc.); e, assim, *linguajar* soa mais genérico. Segundo, porque definir esse *linguajar* como *língua*, *dialeto* ou *gíria* é parte do objetivo do trabalho. E, finalmente, porque em Volpato (2003), o primeiro escrito acadêmico sobre o assunto, o fenômeno é assim chamado. Como ainda não termos certeza do que realmente é, procuramos, pelo menos por enquanto, seguir o que já se disse.

¹ As referidas entrevistas podem ser encontradas resumidas sob forma de quadro no Anexo 1.

² Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa *linguajar* é “qualquer modo de falar de características regionais, familiares, populares, etc., usado por uma pessoa, um grupo ou em circunstâncias determinadas.”

Herval d'Oeste e Joaçaba tiveram sua origem – seguindo um mesmo padrão de desenvolvimento e formação de diversas outras cidades do vale do Rio do Peixe - a partir da construção da estrada de ferro, que costeia o Rio do Peixe no meio oeste catarinense. Cidades como Caçador, Videira, Rio das Antas, Pinheiro Preto, Tangará e Ibicaré se formaram a partir do povoamento que ocorreu nos arredores das respectivas estações ferroviárias. A estação ferroviária de Herval d'Oeste desempenhou um forte papel econômico no desenvolvimento do município nas décadas de 50 e 60, pois era ponto de parada do principal meio de escoamento da produção agrícola da microrregião bem como do transporte de passageiros, que era a ferrovia. Eram muitas, portanto, as pessoas envolvidas formal ou informalmente com a estação de trem. Neste cenário, apareceram os meninos que engraxavam sapatos e carregavam malas. Foram os meninos que circulavam pelos arredores da estação em busca de pequenos serviços informais para auxiliar com uma pequena parcela do sustento familiar, os protagonistas do surgimento deste fenômeno linguístico que é o nosso objeto de estudo.

A partir de uma conversa informal com Alcides Volpato em dezembro de 2002, eu e a Professora Rose Maria Makowski propusemos a ele a criação de um grupo de estudos interdisciplinar sobre o linguajar, já que o orientador do seu trabalho de conclusão de curso sugeriu que se procurassem pessoas da área da Linguística para discutir questões pertinentes a este campo, uma vez que o seu trabalho era da área de Antropologia. Criou-se, a partir de então, o Grupo de Estudos Sobre o Linguajar, com que cada um, em sua respectiva área, colaboraria para a catalogação do linguajar, que, sem dúvida, teria potencial para ser considerado patrimônio cultural regional e, talvez, da humanidade.

Segundo os depoimentos dos falantes que obtivemos em Volpato (2003) e Dariva (2003), a iniciativa em criar o linguajar deu-se para tornar as conversas dos meninos ininteligíveis para quem não pertencesse ao grupo. Isso nos leva ao que nos diz Preti (1984a e 1984b) sobre o tópico. Nas referidas obras, entende-se que a gíria de grupo demarca o

território e classifica os falantes como membros ou não-membros de um determinado grupo, o que aconteceu com os meninos. A maneira de falar os identifica como parte de um grupo social. As peculiaridades da fala destes meninos denotava um senso de *pertencer* a um certo lugar.

Esse sentimento de pertencer pôde ser observado em diversos fatos pitorescos da provinciana Herval d'Oeste, como o que presenciei nos ensaios da bateria da Escola de Samba GRESC Unidos do Herval, da qual fiz parte, quando o mestre de bateria, pelo microfone, vez por outra fazia brincadeiras com os integrantes valendo-se do linguajar. Em um dos ensaios, o mestre de bateria diz aos ritmistas: “*Se vocês não baterem direito essas peças, mirco raive diorfá o ruque de voresque!*” — Se na baterem direito, eu vou comer o cu de vocês! —, ao que a maioria caiu na gargalhada. Ou seja, o riso os denunciou: todos entenderam o que ele disse.

Se vocês não baterem direito essas peças, mirco raive diorfá o ruque de voresque!

Se vocês não baterem direito essas peças, mirco = comer? raive= ... diorfá=... o ruque=... de voresque=...!

Percebi, como membro da comunidade, a importância que se dá ao conhecimento do linguajar no que tange à identificação de um indivíduo como membro daquela comunidade, conhecedor das suas características culturais. Conhecer o linguajar significa também estar intimamente ligado à malandragem, à pândega, aos aspectos culturais da cidade como o carnaval e a história da cidade. Isto porque estes aspectos compõem o cenário das tradições locais e têm sua origem ligada à estação ferroviária, que foi significativa para a formação do município assim como o conhecemos.

A partir deste momento, quando me referir à cidade, entenda-se as duas cidades - Joaçaba e Herval D'Oeste - pois para a finalidade deste trabalho não cabe aqui uma diferenciação, e é até mais interessante considerar uma *coisa* só, pois o linguajar em análise

tem na sua história cidadãos dos dois municípios. O marco divisório que determina os limites geográficos do perímetro urbano de ambas é somente o Rio do Peixe. São cidades irmãs, cujo povo tem a mesma formação étnica, a mesma história, os mesmos costumes e, uma grande parcela da população, mora em um lado do rio e trabalha no outro.

2. OBJETIVOS

No início desta investigação, é essencial estabelecer uma base linguística sólida. Isso envolve a coleta de um conjunto representativo de termos e expressões do linguajar em questão, tanto das fontes existentes quanto das interações pessoais por meio de entrevistas e convívio direto. A natureza única do linguajar demanda uma abordagem cuidadosa para preservar a integridade da pesquisa. Este processo de coleta e análise, delineado com mais detalhes na seção de metodologia, busca capturar a essência autêntica dessas expressões.

Primeiramente, faz-se necessária a constituição de um *cópus*³ do linguajar composto de um número razoável de vocábulos e sequências de fala, a serem somados aos do Anexo 2, e de alguns diálogos. Para compor o rol de vocábulos empregados neste estudo, basicamente serão extraídos e analisados os levantados por Volpato (2003) e, também, os levantados no decorrer da pesquisa através de entrevistas e/ou da minha própria convivência. No que tange a esta última, cabe observar que o pesquisador procurará manter o distanciamento adequado que requer a condição de pesquisador com os membros da comunidade. Esclareceremos como se deu esta coleta no capítulo em que tratamos da metodologia. Sabemos que, numa perspectiva laboviana, o ideal para se obter a língua vernácula seria coletá-la numa situação mais próxima possível de um momento real de fala. O linguajar, no entanto, é uma manifestação de linguagem que acreditamos estar preservada em sua forma original apenas em alguns poucos falantes, que raramente se encontram para conversar. No convívio da comunidade, percebe-se que um elevado número de pessoas tem conhecimento da existência do linguajar ou

³ A exemplo do que acontece em MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002) opto por utilizar “a forma aportuguesada, a partir da regularização do latim *corpus*: daí a acentuação, por se enquadrar nas paroxítonas

conhece/entende algumas expressões, como, por exemplo, *sirne moile* ou *sirne morne*, que, segundo o *Dicionário da Gíria Hervalense de Antonio Dallacosta*⁴, Volpato(2003) e questões diretas com os informantes, é uma expressão que significa *sim, fulano/cara/homem*. Entretanto, principalmente entre os mais jovens, posso perceber que a expressão citada muitas vezes é utilizada para saudação, constituindo-se, assim, através de fatores pragmáticos, em uma expressão idiomática, que possui carga semântica de *beleza, meu/cara; e aí?* Cabe ainda dizer que existem vários meios do linguajar se disseminar, como, por exemplo, através de alguns programas da *Rádio Comunitária Liberdade FM 104.9*, dos arredores da *Escola de Samba Unidos do Herval*. De acordo com o *Dicionário da Gíria Hervalense*, os locais onde mais se empregava o linguajar era na Rua José Bonifácio - a “rua de cima” - o *Campinho da Antena*, a Vila Operária, a *Pensão da Furosa*, a *Barbearia do Tavilino*, a Rodoviária, o Bar do Dalla Vechia, a Volta do Maurício, entre outros.

No entanto, o grupo que realmente faz uso efetivo do linguajar é, hoje, bastante reduzido. Mediante essa razão, tivemos que simular uma conversa entre estes falantes, para poder coletar dados de conversa. Cabe assinalar ainda que as informações obtidas na coleta de dados denotam o orgulho destes falantes terem o linguajar como característica do seu grupo. Observa-se isto ao conversar com alguns dos falantes; percebe-se o seu desejo que se catalogue, de alguma forma, o linguajar. Também em Volpato (2003) um dos entrevistados diz que o linguajar deveria ser “*ensinado nas escolas municipais de Herval D’Oeste*”, o que evidencia o valor que atribuem à capacidade de manipular linguisticamente o linguajar bem como a representação que faz do linguajar que, para ele, está intimamente ligado aos seus valores enquanto membro da comunidade. Em uma conversa informal, o Sr. Alcari Schizzi (o *Curinga*), falante do linguajar, forneceu uma pequena amostra escrita do linguajar (Anexo 3).

terminadas em -u(s), como em húmus, bônus, cáctus, câmpus. Terminando em -s no singular, fica invariável no plural”.

Tal amostra é uma tradução do português para o linguajar. Claro, como se trata de uma linguagem que existe apenas na oralidade, as tentativas⁵ de expressão escrita do linguajar apresentam divergências no que tange a uma convenção linguística.

Pretendemos, também, descrever alguns dos processos sistemáticos de formação dos itens lexicais do linguajar. Sem dúvida, esses processos existem, pois já percebemos, através de conversas especulativas, desde o início do nosso interesse pelo linguajar, que há possibilidade de que uma palavra que ainda não foi empregada no linguajar seja *criada* no momento do diálogo e compreendida pelos falantes; ou seja, “o falante abstrai de outras unidades concretas integrantes do léxico”, segundo Sandmann (1992). Ou seja, os falantes se valem de regras de formação para constituírem novos termos. Procuraremos trabalhar com estes processos traçando um paralelo entre o linguajar e o português. Dentre outras coisas, Entre outras ponderações, esperamos que estas investigações nos respondam *se o linguajar é um dialeto, uma língua, ou gíria*. A princípio mostra-se ser uma gíria. De acordo com Preti (2001), a gíria constitui-se numa linguagem específica de um grupo social e, por conseguinte, reflete o meio em que vive este grupo e as idiossincrasias dos indivíduos que o compõem.

Neste viés é que procuraremos descrever os processos de formação dos itens lexicais no Linguajar do maleiro/engraxate de Herval d’ Oeste e Joaçaba. O que observamos *a priori* no linguajar é a sua relação com a língua portuguesa. Por um processo de inversão de palavras e acréscimo de um ou outro fonema para formar novos vocábulos, como em filho para *lírfito*, camisa, *zamírquia*, carro, *ráquio*, carne, *nárquia*, bicho, *chírbio*, é que se formam as palavras. Dentre as nomenclaturas dadas para o fenômeno que é o foco do presente trabalho, destaca-se *rígia*, como em *Fulano fala na rígia!* Durante uma das sessões de orientação, a orientadora do presente trabalho, professora Odete Pereira da Silva Menon, sugere que se faça uma

⁴ Além de estar relacionado na bibliografia, há também cópias *fac simile* de algumas páginas e da capa do dicionário no Anexo 9.

comparação com os processos do *verlan*, uma gíria que se originou em um bairro parisiense no final do século XIX e que ainda é utilizada pelos jovens franceses. Esta recomendação foi feita a partir da descoberta da professora de que há uma revista em quadrinhos, da qual trataremos em detalhes no referencial teórico, que apresenta elementos do *verlan*. Pensamos que o fenômeno que é o nosso objeto de estudo segue um padrão semelhante ao que acontece no *verlan*, *Verlan* significa *inverso* (l'envers) ao inverso: *Si l'on questionne un locuteur du verlan, sur les mécanismes du codage, il répondra 'il faut dire les mots à l'envers' ou éventuellement 'il faut inverser les syllabes'* (MELÀ, 1988, p.48). Dizemos que há semelhança entre os dois porque a inversão ocorre no nível fonológico, conforme veremos na análise dos dados. Neste viés, podemos citar também o *vezre*, do espanhol que, segundo *Diccionario lunfardo*, é *Cierto modo de hablar peculiar Del porteño, que coonsiste em invertir el orden de lãs sílabas de algunas palabras*, incluído no quadro a seguir. Pretendemos, através dela, demonstrar o que parece ser uma das regras básicas recorrentes nesse tipo de fenômeno.

gíria	['ʒiɾja]	l'envers	[lâ'ver]	revés	[Re'ves]
1 2	1 2	1 2	1 2	1 2	1 2
rígia	['Riʒja]	verlan	[ver'lã]	vezre	['vesRe]
2 1	2 1	2 1	2 1	2 1	2 1

Quadro 01 – Comparativo da Regra básica do linguajar, *verlan* e *vezre*.

Embora restem apenas uns poucos, entre 15 e 20, daqueles falantes que criaram o linguajar na década de 50 de acordo com Volpato (2003), o linguajar, ou pelo menos resquícios dele, ainda permanecem vivos na comunidade. As gerações mais jovens buscam,

⁵ Dentre as “tentativas de grafia” a que nos referimos aqui citamos Volpato (2003), Dariva (2003), o próprio

com certo saudosismo, reviver as palavras e expressões do linguajar. Um bom exemplo desta presença é o que se observa em um programa de rádio, da rádio comunitária Liberdade FM: o locutor Dias, distribuindo prêmios aos ouvintes, dirige aos ouvintes a pergunta:

(1) *Com 'é que se larfeia no Hervalês o cachorro?*

Ao que a resposta seria:

(2) *Charcoro.*

Acreditamos que apesar de o referido locutor falar *cachorro* /ka'ʃoRo/, provavelmente ele aprendeu *charcoro* /ʃar'koro /com alguém com esta pronúncia, já que ele não pertence àquele grupo de falantes que eram meninos na década de 50. O que justifica a sua pronúncia com *tap*.

Também, é bastante comum entre os jovens que ao invés de utilizarem termos da linguagem popular como *camarada*, *cara* ou *chapa* empregam o vocábulo do linguajar *moile*, como no exemplo (3). Discutimos a origem do vocábulo *moile* na página 64.

(3) *Os moile tão mocoziado na zárquia!*

que tem como seu equivalente no português informal

(4) *Os cara tão em casa!''.*

Outro exemplo da presença do linguajar é a matéria do jornal *A Notícia* de 27/02/2003 sobre o linguajar que está no Anexo 4. Esta marca linguística nos remete ao que diz AGER:

Adolescents are hence likely to have a wide vocabulary, relating to the spread of their interests, to develop new terms and expressions and thus be open to linguistic innovation, and to be users of a slang and special languages relating to particular interests (school-based slang, computers). The main characteristic of these is their ephemeral nature, although **certain types of slang formation recur, such as** (words inverted: *femme* becomes *meuf*, *mec* becomes *cem*. (grifo nosso) (AGER 1994:117)

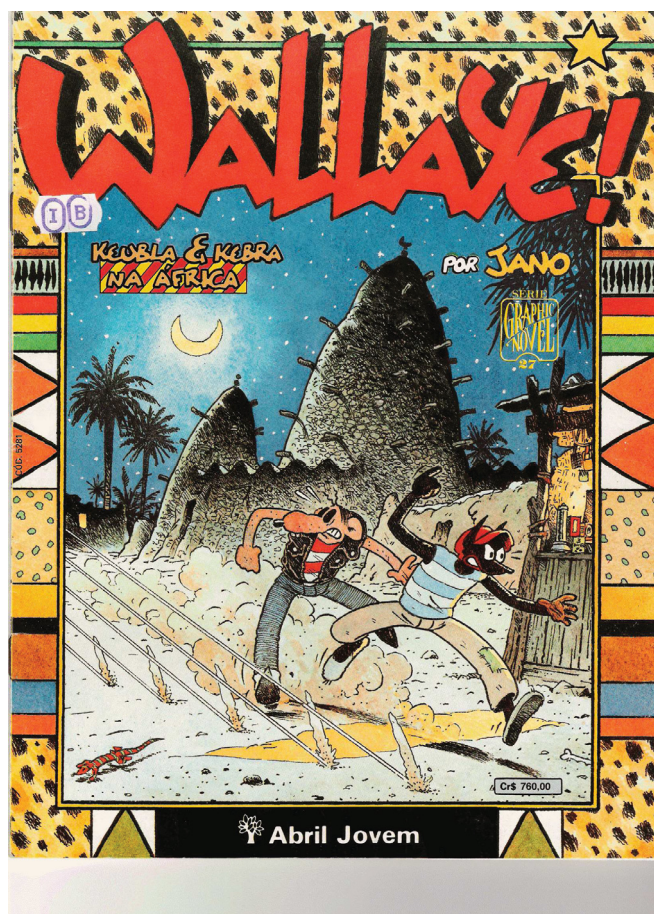
Nesta mesma linha, o escopo do vocabulário dos jovens que criaram o linguajar, também era um reflexo da diversidade de seus interesses, o que também os possibilitava a criação novos termos e expressões. Igualmente, os nossos informantes apresentavam abertura à inovação linguística quando inventaram o novo jeito de falar ainda na infância. De maneira análoga, embora essas manifestações linguísticas possuam como característica principal sua natureza efêmera, o linguajar continua reaparecendo, normalmente sob a defesa de que é “algo que não se pode perder”.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O VERLAN

De acordo com Melá (1988), o verlan é um meio de enunciar palavras encobertas, vocábulos formados a partir de modificações de um significante utilizado por pessoas que têm uma mesma visão de mundo. Teve sua origem em um bairro parisiense nos anos 1970. Caracterizava o submundo, a marginalidade; podemos dizer, abasileirando, que caracterizava a malandragem. Era utilizado por adolescentes fascinados pela marginalidade ou por quererem imitar o mundo adulto. Ligado ao *verlan* também está o lúdico. Ainda, por se tratar de um falar das ruas torna-se traço distintivo de um grupo social. Podemos perceber a materialização desta faceta na revista *Wallaye!* do cartunista francês Jano, cujos personagens principais são Kebra, um *ratão guitarrista que vive de bicos e trambiques*, e Keubla *um neguinho muambeiro e percussionista* tem os seus nomes *verlanizados*. Kebra é a verlanização de *braqué*, uma gíria que teria por seu equivalente aproximado expressões como *ligado* ou *plugado*; e Keubla, do inglês *black*. A seguir podemos ver a capa da revista traduzida para o português, mantendo o título original, que é um neologismo equivalente mais ou menos a *Valha-me, Alá*, e os nomes dos personagens.

Figura 1



Méla (*ibidem*) nos diz ainda que nos grupos de falantes o aumento do léxico precisa do consenso, enquanto entre os estudantes do *verlan* processa-se a encriptagem do vocabulário padrão. O *verlan* não é uma língua e sim um mecanismo de codificação. Um falante do *verlan* não criptografa mais de 10% da sua fala. Os dados foram obtidos através de entrevistas nas quais o entrevistador, que era familiar ao bairro, identificava-se e dizia qual era o motivo da entrevista, que durava 20 minutos.

O *verlan* aos poucos penetra na língua francesa e aparece, em 1985, em cartazes publicitários, música, e por último, com a cozinha *Gicavo*, uma verlanização de Vogica. O cinema, com os filmes *Lês Ripoux* e *Lês Keufs*, leva o *verlan* para toda a França. Méla reserva o termo *verlan* para descrever o seu processo de encriptagem, sendo que não exclui a

possibilidade de que o *verlan* se valha de outros processos; e.g. a escolha de itens lexicais ou uma sufixação estranha à regra de formação dos itens lexicais.

3.1.1 REGRA BÁSICA DO VERLAN

A regra básica de encriptagem do verlan é # 1 2 # → # 2 1 #, onde 1 é a primeira sílaba e 2 é a segunda. Notamos que a sílaba tônica permanece a mesma; e.g., quando a sílaba tônica é a segunda sílaba, depois de o vocábulo ser *verlanizado* a tonicidade permanece na segunda sílaba. Esta regra se aplica aos dissílabos e a qualquer locução dissilábica⁶. Vejamos os exemplos no quadro 1⁷:

Francês / escrita	Francês / pronúncia	Pronúncia verlanizada
Bloquer	[blo 'ke]	[ke'blo]
École	[e 'kɔl]	[kɔ'le]
Billet	[bi je]	[je'bi]
Comme ça	[kɔm'sa]	[sa'kɔm]
Coller	[ko 'le]	[le'ko]
Pascal	[pas'kal]	[skal'pa]
Tout Seul	[tu 'sœl]	[sœl'tu]

Quadro 2 – Regra básica do *verlan*

⁶ Os quadros que apresentam os itens lexicais do verlan foram compostas a partir dos *corpora* encontrados em Melá (1988) e L'Abbé (s.d.)

3.1.2 MONOSSÍLABOS

Graças a um *schwa*, os monossílabos arrolados em Melá (1988) e L'Abbé (s.d.), são, no nível oral, dissílabos. A encriptagem se faz, portanto, respeitando a regra dos monossílabos. Vejamos o quadro 2 com os exemplos:

Francês / escrita	Francês / pronúncia	Pronúncia verlanizada
Mère	['mɛ rɔ]	['rœmɛ]
Caisse	['kɛsɔ]	['søkɛ]
Noir	[nw'arɔ]	[rø n'wa]
Louche	[lu'ʃɔ]	[ʃø'lu]
Chaîne	['ʃɛ nɔ]	['nøʃɛ]
Sac	['sakɔ]	['køsa]
Shoot	['ʃu tɔ]	['tøʃu]

Quadro 3 – Monossílabos do *verlan*

3.1.3 POLISSÍLABOS

Podemos dizer que a regra se aplica de modo semelhante aos polissílabos (ver quadro 3), mas temos que considerar cada vocábulo estruturado em dois blocos. A encriptagem, no entanto, parece ser mais simples, parece que há somente um deslocamento da primeira sílaba

⁷ Quanto às transcrições para o Alfabeto Fonético que apresentaremos daqui para frente, cabe apontar que optamos por fazer aqui uma transcrição fonética *lata*. Para mais detalhes a respeito, ver o capítulo 5 (Metodologia).

para o final. No primeiro exemplo entenda-se [si ga'ʁet], para que possam ser analisados analogamente aos dissílabos.

Francês / escrita	Francês / pronúncia	Pronúncia verlanizada
Cigarette	[siga'ʁet]	[ga'retsi]
Corrida	[kori'da]	[rida'ko]

Quadro 4 – Polissílabos do *verlan*

3.1.4 OS CASOS ESPECIAIS

L'Abbé (*s.d.*) nos diz que, em *verlan*, parece que a regra da inversão não se aplica às palavras de três sílabas e que as palavras de quatro sílabas são raras no *verlan*. L'Abbé faz esta afirmação apontando que no *corpus* empregado por ela não há nenhuma ocorrência de vocábulos de quatro sílabas. Um vocábulo do francês de três ou quatro sílabas resultará, em *verlan*, em um vocábulo de três ou mesmo duas sílabas. Por exemplo, a palavra Pakistanais, verlanizada, resulta em [kistpa]. L'Abbé explora dois caminhos para a verlanização:

Pakistanais	[pakistane]	[pakist]	[kistpa]
Pakistanais	[pakistane]	[kistanepa]	[kistpa]

Quadro 5 – Possibilidades distintas de verlanização de um mesmo vocábulo

Há também a possibilidade de uma mesma palavra apresentar duas formas quando verlanizada. Esta faceta do processo de verlanização não é muito explorada nos trabalhos de Melá e L'Abbé. No entanto, para os nossos objetivos, é importante mencionarmos esta característica uma vez que voltaremos a falar dela quando da análise de fenômeno análogo em nosso objeto de estudo. Vejamos o quadro 6:

calibre	[kalibrØ]	[librØka]
calibre	[kalibrø]	[brolika]

Quadro 6 - Resultados distintos do processo de verlanização

Melá (1988) pontua que se pode tentar explicar este caso partindo de que a aplicação da regra resulta em um conjunto de três consoantes (*[librka]) que é impossível em francês. Todavia, esta explicação não é satisfatória, pois há outros casos em que o *verlan* aceita conjuntos de consoantes que não existem no Francês.

3.2 OS TERMOS *ENCRIPtar* E *LINGUAJAR*

No início da pesquisa, o título provisório da dissertação era *A estrutura criptográfica do linguajar do maleiro/engraxate de Herval d'Oeste e Joaçaba*. No decorrer desta pesquisa, os nossos estudos renderam duas comunicações em congresso, apresentadas na modalidade de comunicação individual também relatadas nos Anais do 52º e do 53º Congresso do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), com os títulos de *A Estrutura*

Criptográfica das Dissílabas do Linguajar e A Estrutura Criptográfica dos Vocábulos do Linguajar do Maleiro/Engraxate, respectivamente.

Nos títulos das comunicações optou-se por usar o termo *criptografar*, que naquele momento parecia ser mais o adequado. No entanto, em 05/08/2005, na qualificação da dissertação, o Prof. Dr. José Luiz da Veiga Mercer apontou que o radical *grafar* implica em escrita e, como não havia forma escrita, ficaria inadequado. A partir daí, acatando o reparo, adotamos o substantivo *encriptagem* e o verbo *encriptar*, com base do modelo do inglês *encryption*, e do francês *encryptage*. Ambas implicam em “codificar”, o que tem certa semelhança com a *gíria*.

A linguagem *gíria*, que parece ser mais comum na linguagem oral, é aparato de identificação de grupo social, servindo, portanto, para caracterizar um grupo, uma classe, um conjunto, uma camada, ou célula social. Segundo Dino Preti (2001, p 241):

A *gíria* constitui um vocabulário tipicamente oral. Sua presença na escrita reflete apenas um recurso lingüístico, com objetivos determinados, como, por exemplo, indicar a fidelidade de uma transcrição; criar uma interação mais eficiente do escritor com o seu leitor, como ocorre em algumas matérias jornalísticas; dar uma realidade maior ao diálogo literário ou teatral; comprovar um uso em desacordo com o vocabulário de falantes cultos, caso em que é usual transcrevê-la entre aspas, como ocorre na *mídia* jornalística; etc.

Preti (2001, p. 242) nos diz também que linguistas ligados à história social da linguagem, ao analisar documentos nos quais se encontram *gírias*, jargões, linguagens secretas ou, simplesmente, vestígios da língua oral, são capazes de traduzir características de um grupo marginal. Em Preti (1984a e 1984b) também encontramos este atributo de traço de grupo social.

Em *A gíria e outros temas*, Preti aborda o fenômeno lingüístico *gíria* sob vários aspectos, iniciando com uma reflexão sobre o seu papel enquanto signo de agressão e defesa

na sociedade. Há, em toda forma de comunidade, a norma linguística⁸, à qual é inerente um determinado pensamento que traduz a identidade desta comunidade. Existem, no entanto, “grupos que se isolam, adotam uma linguagem especial (**em particular no campo léxico**), opondo-se ao uso comum”, (grifo meu) o que parece ser o que encontraremos ao desenvolver o presente trabalho.

Para Coseriu, *a norma da língua contém tudo o que no falar correspondente a uma língua funcional, é fato tradicional, comum e constante, ainda que não necessariamente funcional: todo fato que se diz e se entende ‘dessa maneira e não de outro modo’*” (COSERIU, 1980a, p. 122); ela é, de certa forma, mais ampla do que o sistema pois compreende também traços funcionais, enquanto que o sistema apenas abrange os traços distintivos necessários para que uma unidade da língua não se confunda com a outra (Idem., p. 123). A norma está intimamente ligada aos aspectos socioculturais, uma vez que compreende realizações linguísticas tradicionais, abrangendo *o que no falar de uma comunidade linguística é técnica historicamente realizada, o que nesse falar é realização comum e tradicional* (COSERIU, 1980b, p. 140).

A gíria pode ser classificada de maneiras diferenciadas de acordo com o seu alcance numa determinada comunidade, como linguagem popular, gíria de grupo, jargões técnicos, entre outros termos existentes. O fato é que ela é empregada para demarcar um território, uma tribo urbana, uma classe trabalhadora, enfim, um grupo social qualquer.

As obras de Preti e Coseriu contêm reflexões sobre a relação entre língua e sociedade, bem como as questões de prestígio de determinadas variantes em detrimento de outras. É devido a isto que as consideramos referências básicas uma vez que o nosso trabalho trata de uma linguagem específica de um grupo.

⁸ Entenda-se aqui “norma linguística” no sentido de Coseriu, que sinteticamente a definiu como “o que se disse e tradicionalmente se diz numa comunidade”. (apud Preti, 1984a)

Já *A linguagem proibida – um estudo sobre a linguagem erótica* é resultado de um trabalho apresentado como tese de livre-docência em Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo. Esta obra apresenta uma análise do jornalzinho humorístico *O Coiô*, que começou a ser publicado em 1º de abril de 1901 e do *Dicionário moderno*, que inicialmente começou a ser compilado nas páginas d'*O Coiô*.

Selecionamos esta obra para tecer algumas reflexões, visto que encontramos, no trabalho de análise de Preti deste dicionário humorístico-pornográfico, uma sistemática que cremos nos será bastante útil na nossa análise, pois os fatores marginalidade e desprestígio da linguagem são comuns aos dois objetos de estudo. Os fatores sociais e a origem de determinadas expressões são dois dos fatores observados por Preti que também deverão estar presentes no nosso trabalho. Aqui entendemos também que

Embora a gíria não ofereça as mesmas perspectivas em todas as línguas, pode-se dizer que ela, na essência, constitui-se num vocabulário criptológico, ligado à vida e à cultura de um grupo social restrito. Sua função como linguagem fechada, além de simples veículo de comunicação, é também a de defesa e preservação de classe. E essa característica é que melhor define sua condição de signo de grupo, elemento de auto-afirmação e identificação dos falantes. (p.66)

Acrescentamos aqui o nosso entendimento de que a encriptagem, que é essência do fenômeno ora investigado, pode atuar em níveis diversos: desde uma reorganização na estrutura morfofonológica dos vocábulos até uma possível mudança em suas nuances semânticas.

Nas obras de Preti empregadas neste trabalho, ele nos lembra que a gíria é denominada por alguns como *jargão*, o que não é incorreto. No entanto, o vocábulo *jargão*, muitas vezes, acaba perdendo os traços que tem em contextos técnicos, para denotar uma vulgarização desta linguagem técnica, e.g., o jargão profissional dos médicos.

Não podemos deixar de mencionar que a linguagem humana associa sequências fônicas a significações para servir de instrumento de comunicação e isto se torna possível

somente porque a linguagem se manifesta por conjuntos organizados, os quais chamamos de língua. Coseriu (1980b, p. 139) nos diz que o “saber falar” representa as línguas na proporção em que ele é historicamente determinado; e que *não se aprende uma língua, mas se aprende “a criar” numa língua, isto é, a superar o materialmente aprendido: conhece efetivamente uma língua quem é capaz de nela criar fatos novos, de dizer com ela o que nunca foi dito antes.*

Gallisson e Coste (1983, p.442) definem língua à luz da linguística moderna, de acordo com Saussure, como sendo todo sistema específico de signos articulados que servem para transmitir mensagens humanas. A língua é de natureza social: “é partilhada por uma comunidade que admite as suas convenções, mas que, pouco a pouco, as modifica; daí o seu caráter evolutivo”.

Em outro aspecto, tratando-se de fala e competência, a língua é *uma virtualidade de agrupamentos de signos que obedecem a certas regras de ordem sintática e ao mesmo tempo semântica.* Estas regras são descobertas através da análise dos enunciados e podem ser explicitadas pela gramática. No entanto, os indivíduos de uma determinada comunidade linguística têm delas um conhecimento implícito e é esse conhecimento que lhes permite falar, isto é, produzir fala (GALLISSON e COSTE, 1983, p.442). Segundo Labov (1972, p. 158), uma comunidade linguística não pode ser concebida como um grupo de falantes que usa as mesmas formas, mas sim como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à língua.

The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language, so much as by participation in a set of shared forms; these norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage. (LABOV, 1972, p. 120-1)

Falar é usar a língua, o que é fundamental por ser um esquema subjacente e comum a todo o ato de fala. Dessa forma, uma língua não existe por si própria, uma vez que é a soma de atos individuais de fala. Segundo Silva Borba (1989, p. 47), a língua se altera pela fala e por seu uso individual, transforma-se através dos tempos porque os falantes introduzem inovações à medida que o grupo de falantes coletiviza sua aceitação. Contudo, para que isso aconteça, é necessário que estas inovações se agreguem à natureza do sistema, não violando as regras combinatórias básicas. Embora língua e fala sejam distintas, uma supõe a outra.

De acordo com Lyons (1979, p.35-36), a idéia de que todas as línguas têm a mesma estrutura gramatical, de modo geral, já não é mais aceita pelos linguistas. Uma das razões disso foi a comprovação feita pelos comparatistas do século XIX de que todas as línguas estão sujeitas a mudanças contínuas. Modernamente, os falantes, por processos de urbanização, tendem a constituir *modelos* de língua a serem seguidos. Uma gama bastante vasta de dialetos gírios surge no panorama linguístico. Dubois *et alii* (1973, p.183) afirma que *uma língua se dialetiza quando toma, segundo as regiões onde é falada, formas notadamente diferenciadas entre si*. Ainda sobre dialeto, Matoso Câmara (2000, p.95) diz que *os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços lingüísticos fundamentais*.

Cabe aqui citar que os dialetos não possuem uma unidade absoluta por todo o território em que se estendem. Surge, desta forma, a gíria, definida por Dubois *et alii* (1973, p. 308) como sendo “um dialeto social reduzido ao léxico”.

Em tempo: Segundo *The Concise Oxford Dictionary of Linguistics*, dialeto (dialect) é *qualquer variedade de uma língua, especialmente a falada em uma parte específica do país ou outra área geográfica e o critério de distinção entre os dialetos é a inteligibilidade mútua*; gíria é termo usado especialmente para se referir um vocabulário específico, e.g. a uma geração de falantes mais jovens em particular, e também, no seu uso comum, um grupo ou profissão específicos, um estilo coloquial, etc.

O pesquisador deve também considerar que o fenômeno gírio pode ser examinado sob dois aspectos:

(...) a primeira, a da chamada gíria de grupo, isto é, a de um vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. No primeiro caso, estão os grupos jovens ligados à música, à dança, ao esporte, às diversões, aos pontos de encontro nos shoppings, à universidade, etc; no segundo, estão os grupos comprometidos com as drogas, com a prostituição, com o homossexualismo, com o roubo e o crime, com o contrabando, com o ambiente das prisões, etc. Uma segunda perspectiva, a da gíria comum, é a que estuda a vulgarização do fenômeno, isto é, o momento em que, pelo contato dos grupos restritos com a sociedade, essa linguagem se divulga, torna-se conhecida, passa a fazer parte do vocabulário popular, perdendo sua identificação inicial. É assim que, quando dizemos que estamos baratinados, quer dizer, preocupados, perturbados por qualquer problema, sem condição de decidir, estamos empregando um vocábulo da gíria dos toxicômanos vulgarizado pelo contato desse grupo fechado com a sociedade. (PRETI, 1996, p. 73)

Por estes e outros motivos que serão explorados no desenvolver do trabalho — *e.g.* o fato de a estrutura **morf fonológica** permanecer a mesma — é que nos referiremos ao fenômeno, que podemos classificar de gíria encriptada, como *linguajar*, o qual compartilha certas características com *gíria de grupo* e, talvez, com *dialeto*. O *linguajar* é, com efeito, um tipo de gíria.

3.3 A GÍRIA RIMADA COCKNEY

A primeira referência à Gíria Rimada Cockney data de 1859 e apareceu no *Dicionário de Gíria (The Slang Dictionary)*, de John Camden Hotten. Embora as primeiras alusões à tal gíria implicassem que era usada por criminosos autores de pequenos delitos, vagabundos, pela *gentalha* do centro de Londres; é muito pouco provável que um vocabulário secreto do submundo com tal grau de elaboração tenha surgido desta maneira. Mais provável é que tenha se desenvolvido gradativamente no final do século XVII e início do XIX como uma das estratégias com jogos de palavras de intenção humorística usada por londrinos da área central

para diversão e como elemento de identificação com um dado grupo social, o que, em contrapartida, automaticamente exclui os forasteiros; ou seja, os marca socialmente como não pertencentes àquele grupo. Variaram também os grupos sociais a que já se associou à gíria rimada. Enquanto nos séculos XVI, XVII e XVIII era ligada ao jargão da criminalidade, no século XIX foi firmemente associada aos vendedores de rua (*costermongers* - no original), que cunharam o termo *daisy roots* (raízes de margarida) para denotar *boots* (botas). O corpo de rimas não é homogêneo e distingue-se em três categorias diferentes. O primeiro grupo, tido como clássico, abrange as expressões que imediatamente remetem à gíria rimada. Trata-se de um inventário fechado de elementos composto por termos cunhados no século XIX. Algo que um londrino imediatamente daria como exemplo, como *apples and pears* (maças e peras) para *stairs* (escadas). O segundo, composto por uma maior variedade de itens, que variam tanto em antiguidade como quanto aos tópicos, tal como *elephant's trunk* (tromba de elefante) para *drunk* (bêbado). Finalmente, os novos termos cunhados mais recentemente, como *Britney Spears* para *beer* (cerveja), que é fortemente impulsionado por nomes populares do final do século XX e lugares famosos. Claro, outras possibilidades para *beer* já existiam antes, como 'Charlie Freer', 'Christmas cheer', 'far and near', 'fusillier', 'never fear', 'oh, my dear', 'pig's ear', 'red steer' e 'Crimea' (que foi popular apenas por poucos anos após a participação do exército britânico na guerra naquela área) (AYTO, 2002).

A palavra *Cockney* refere-se aos londrinos típicos da região leste de Londres (*East End of London*). Segundo tradição local, mais especificamente, um *Cockney* legítimo é aquele nascido dentro do raio em que se pode de fato ouvir o badalar dos *Bow Bells* (sinos da igreja de *St. Mary-le-Bow*). A palavra *Cockney* também é usada para se referir à variante de inglês londrino falado nesta área. Não abordaremos aqui características desta variante visto que este aspecto linguístico não está no escopo do presente trabalho. Apontamos, no entanto, que são coisas distintas a gíria rimada e a variante. A gíria rimada, apesar de estar intimamente ligada

a esta área, transpôs fronteiras e acabou em lugares mais distantes, como em outras ilhas britânicas, portos da Irlanda e da Escócia, aparecendo também com certo entusiasmo na longínqua Austrália, onde tomou “os *pubs*, galpões de tosquia, círculos de apostas de pistas de corrida, etc.” (AYTO, 2002, p. xiii).

O primeiro traço em comum da gíria rimada com o nosso objeto de estudo que observamos é a intenção de ser um código impenetrável ao mesmo tempo em que recorre ao tom brincalhão como parte do contexto comunicativo. Isto as torna, muitas vezes, incompreensíveis aos que estão de fora deste determinado grupo. Para tanto, ambos se valem de mecanismos de codificação e da ludicidade própria das brincadeiras com palavras. Outro ponto marcante que observamos é que se pressupõe em ambas o seu uso em contextos de marginalidade e malandragem; o que, nos dois casos, nem sempre é verdadeiro. Parece-nos que muito mais frequentemente é o uso associado à pândega, à brincadeira entre reuniões de amigos e nas mesas de bar, aos contextos de informalidade dominados pela presença masculina. Quanto a isto, apontamos que

Who, though, have been the regular players of the game over the decades? Who is your prototypical rhyming slangster? A study of the rhymes themselves quickly makes one thing clear: this has traditionally been a very male-dominant club. Nearly twenty rhyme synonyms for wife, for instance, as against just one for husband, cannot be entirely a coincidence. (AYTO, 2002, p. xii.)

Trata-se de coincidência interessante, uma vez que em nosso objeto de estudo todos os informantes são homens. Aparentemente, o universo da informalidade masculina é muito mais propenso a este tipo de fenômeno linguístico.

O processo de encriptação da Gíria Rimada *Cockney* apresenta determinada lógica interna recorrente, o que nos permite dizer que os termos são formados por: a) locuções binomiais unidas por *and*, como ocorre em *sausage and mash (cash)*, ou outras conjunções como *on* ou *of*; b) locuções nominais de substantivo mais substantivo como em *jam jar (car)*;

c) locuções nominais de substantivo mais substantivo unidas pelo possessivo 's, como em *pig's ear (beer)*; d) locuções compostas por adjetivo mais substantivo, como em *charming wife (knife)*. A grande maioria explora colocações⁹ já estabelecidas, embora novas colocações, como *lion's lair (hair)*, não estão excluídas. São também notadamente presentes as locuções e também e) uma subcategoria que parece ser a mais perene que é a dos nomes próprios, como em *Barclay Bank (wank)*. Embora o modelo mais comum baseie-se em locuções de duas palavras, há também rimas com palavras individuais, como em *paraffin (gin)*. Rimas como monossílabos são raras, como em *hot beef (thief)*. Outra estratégia, que também não se encontra amiúde, são rimas como orações inteiras, como em *kiss me hardy (Bacardi)* e *sit beside her (spider)*. Não há como descrever com precisão o processo todo, mas é consenso que há liberdade de criação de novas expressões. O que está em jogo é muito mais o como fazer em detrimento de se manter nas expressões já cristalizadas. Uma característica extraordinariamente marcante do uso da gíria rimada é que a última palavra tende a ser omitida, como em *Pass the army, will you?*, na qual a rima está no subentendida: *army and navy (gravy)*; ou como em *She has such long bacons!*, na qual a rima omitida é *bacon and eggs (legs)*. Nesse último exemplo é interessante observar que a palavra inglesa *bacon* é um substantivo não-contável, isto é, não tem plural, mas quando em contexto de gíria rimada, referindo a *leg* (perna), que é contável, assume a forma de plural. Outro exemplo de adaptação gramatical seria *It pens a bit in here!*, em que a locução *pen and ink* implica na rima subentendida *stink*, e *pen*, que originalmente é substantivo, passa a receber tratamento de verbo e a devida concordância verbal marcada pelo -s final da terceira pessoa do singular. O processo de encriptação chega a atuar no nível morfossintático.

⁹ Em tradução livre do termo inglês *collocations*, ou seja, combinação típica de palavras.

4. HIPÓTESE

Percebe-se que a sistemática da encriptagem ocorre no nível lexical apenas - talvez com nuances semânticas. A sintaxe, entretanto, parece ser a mesma do Português, o que nos remete mais uma vez ao anexo 4 e ao anexo 5 deste trabalho. No anexo 5, podemos observar a transcrição de uma marchinha de carnaval da época e de algumas frases de controle. Note-se que a inversão acontece somente no léxico, no nível morfológico. Vejamos os exemplos a seguir dos Quadros 7 e 8:

Mirco	roife	morteriá	um chúrbio	no Berontche.
Eu	vou	comer	um bucho	no Betão.
SUJEITO	PREDICADO VERBAL		OBJETO DIRETO	ADJUNTO ADVERBIAL DE LUGAR

Quadro 7 - Sintaxe do linguajar vs. Sintaxe do português brasileiro

Podemos observar no exemplo do Quadro 7 que, no linguajar, a ordem sintática da frase permanece a mesma do português brasileiro: sujeito, verbo, objeto e adjunto. Pusemos, portanto, os referidos rótulos na linha três do quadro.

A ordem dos constituintes abaixo do nível da frase também segue as normas do português brasileiro. O verbo *morteriá*, por exemplo, que pode significar *comer* ou *beber*, segue a tendência comum de apagamento da vibrante final nos verbos do português brasileiro conforme ocorre em: *comprá, andá, fazê, dizê, cumpri, durmi*, entre outros. O objeto direto é composto de uma locução constituída de: artigo (*um*) e um nome encriptado (*chúrbio*) e está logo após o sujeito. O adjunto adverbial de lugar é formado por preposição (*em*), mais locução

constituída de artigo definido (*o*) e o nome (*Berontche*), sendo que, localiza-se em posição posterior ao objeto. No mesmo sentido, o pronome *Eu* (Mirco) está em posição de sujeito.

O exemplo do Quadro 05 frase acima foi retirado do Anexo 8¹⁰. É um exemplo colhido de um informante arrolado em Volpato (2003), portanto um pertencente àquele grupo de maleiros/engraxates dos anos 50.

Vejamos agora o Quadro 8.

Renque	Rone	braice	o fulana (omitimos o nome original)	
Quem	Não	conhece	o fulana	
SUJEITO	ADVÉRPIO DE NEGAÇÃO	VERBO	OBJETO DIRETO	
o vibrailinho	Que	radiava	o ruque	no Darci
o veadinho	Que	dava	o cu	no Darci
SUJEITO	PRON. REL.	VERBO	OBJETO DIRETO	ADJUNTO ADVERBIAL DE LUGAR

Quadro 8 - Sintaxe do linguajar vs. Sintaxe do português brasileiro

Novamente, observamos a mesma formação e organização dos elementos que rege o português brasileiro. No início, temos o pronome (*Renque*) em posição de sujeito, seguido do advérbio de negação (*rone*). Na sequência, o verbo (*braice*), que cremos ser a encriptagem de *sabe*; isto porque fazemos uma analogia com o que acontece na língua inglesa com o verbo *know*, que na frase *I know Chinese*, tem como uma possibilidade de a tradução “sei” (*Eu sei chinês./ Eu conheço chinês.*) e a frase *I know you*, que tem por tradução *Eu conheço você*, sendo agramatical a tradução **Eu sei você*. Também, nos dois casos, a estrutura do verbo é

¹⁰ No capítulo 5 – Metodologia, descrevemos em detalhes como foi a coleta destes dados.

SVO e o verbo necessita de um complemento sem preposição. Logo em seguida o objeto direto, constituído de artigo definido (*o*), mais nome (aqui omitido¹¹), o sujeito da relativa seguinte formado de artigo definido (*o*), mais nome (*vibrailinho*), mais o sujeito (*que*). A morfologia do verbo da segunda oração (*radiava*) apresenta desinência verbo temporal de pretérito imperfeito (*-ava*), o que nos permite a identificação da classe gramatical. O objeto direto é composto de artigo definido (*o*), mais nome (*ruque*). O adjunto adverbial de lugar que encerra o período é formado pela preposição (*em*), mais locução constituída de artigo definido (*o*), mais nome (*Darci*¹²).

O exemplo do Quadro 07 foi extraído do Anexo 7¹³, e é de uma pessoa com menos de 30 anos. Escolhemos esses dois exemplos porque eles representam dois momentos distintos do linguajar e representam também duas comunidades distintas de falantes, o que abordaremos no parágrafo seguinte. O exemplo do Quadro 07, extraído da gravação registrada no Anexo 8 e descrita na metodologia, é de um informante de 58 anos que era parte daquele grupo descrito por Volpato (2003) como sendo um dos precursores do linguajar. Já o exemplo do Quadro 8 foi colhido na Internet e é de um informante com menos de 30 anos, com o qual eu não tive contato pessoal, mas que através de uma colega que foi sua professora, fiquei sabendo que ele aprendeu com os seus familiares. Temos, assim, dois momentos do linguajar.

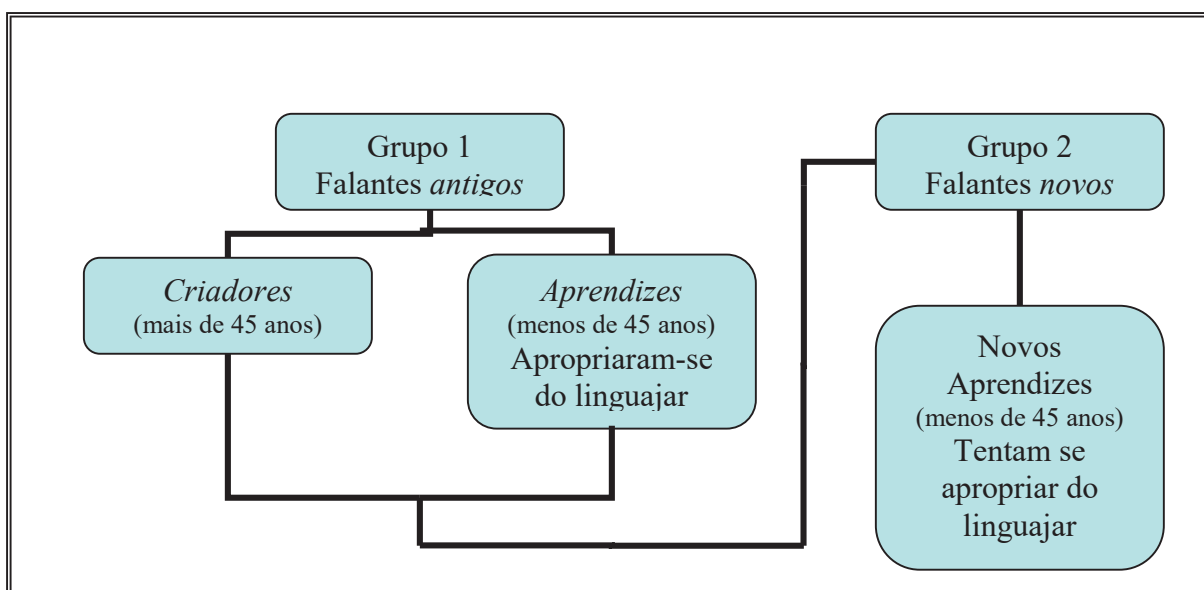
Ao que tudo indica, temos mais de um grupo de falantes do linguajar. O trabalho de Volpato, como já mencionado, identificou quinze informantes (hoje com 48 a 66 anos de idade) como membros do grupo dos *criadores* do linguajar. Como é possível constatar no *cópus* apresentado tanto nos Anexos como mais adiante nos capítulos 6, 7 e 8; temos

¹¹ A pessoa que leva esta alcunha/nome (o conhecemos assim: apenas *sabemos quem é*, e não temos maiores informações), aqui omitida por evitar possível exposição, é bastante conhecida dos cidadãos de Joaçaba e Herval d'Oeste. Diz-se que é homossexual e que faz/fazia programas na boate do Darci.

¹² Faz-se alusão à boate do Darci, cujos letreiros e panfletos nomeiam de Elite Scorts. Porém, por extensão ao dono, diz-se *o Darci*, e não, *a boate Elite Scorts*.

¹³ Dados extraídos da Internet. A descrição do contexto e da metodologia encontram-se nos capítulos 7 e 5 respectivamente.

informantes desta mesma faixa etária apresentando outra variedade do linguajar e outros, mais jovens, apresentando ainda uma terceira variedade. A partir disto, é que compusemos o seguinte esquema para apresentar um esboço de como acreditamos ser a organização dos grupos de falantes do linguajar, que dividimos em grupo dos falantes antigos e dos da atualidade:



Embora muitas vezes classificada pelos usuários e membros da comunidade como *língua*, reafirmamos tratar-se de um tipo de gíria, e já afirmamos isso no item 3.2, por dois motivos. Primeiro, porque percebemos, pragmaticamente, características da gíria de grupo definida por Preti (1984a e 1984b), conceito explorado neste referencial teórico. E segundo, porque percebemos a similaridade do linguajar ao *verlan* em dois aspectos: conforme Mèla (1988), o número de itens lexicais verlanizados não ultrapassa dez por cento do total de vocábulos empregado em uma sequência de fala, o que parece acontecer com o linguajar. Neste mesmo viés, temos a semelhança do *modus operandi* da encriptagem. A construção da

amostragem inicial se fez essencial para o trabalho uma vez que é à luz dela que desde o início se pretendeu construir os argumentos aqui apresentados.

5. METODOLOGIA

5.1 Da coleta dos dados

Os primeiros dados da corrente pesquisa são oriundos de duas fontes, o trabalho de Volpato (2003) e de minhas experiências como membro da comunidade. O Anexo 1 apresenta um resumo das 15 entrevistas extraídas de Volpato (2003), o Anexo 2 traz uma cópia *fac simile* dos vocábulos do linguajar arrolados em Volpato (2003), o Anexo 3 mostra uma cópia de uma *tradução* do português para o linguajar batida à máquina pelo Sr. Alcarí Schizzi em 19 de janeiro de 2004. Esta entrevista, como todas que foram coletadas para este trabalho diretamente dos informantes, foi obtida em visita específica para este fim, em que o pesquisador deixava claro que estava fazendo uma pesquisa sobre o linguajar.

O Anexo 4 traz uma matéria jornalística, de um jornal de circulação estadual, sobre o linguajar. Podemos perceber, nessa matéria, como os falantes do linguajar têm orgulho dele, refletem sobre ele e manifestam o que sentem em relação a ele.

No Anexo 5, estão transcritas algumas frases que coletei em entrevista gravada do sr. Alcarí Schizzi (Curinga). Furneci a ele uma folha de papel com algumas frases em português e pedi a ele que as traduzisse para o linguajar. Também, logo em seguida, ele cantou uma antiga marchinha de carnaval, também transcrita. O informante me disse que desde os anos 50 ele e os amigos *vêm fazendo a versão* de muitas músicas para o linguajar. A entrevista encontra-se no CD do Anexo 10.

Quando apresentei este trabalho à banca constituída para a qualificação, foi sugerido pelos membros de arguição para que todos os vocábulos levantados por Volpato (2003)

reproduzidos no Anexo 2 fossem reescritos. Temos, então, o Anexo 6, no qual estão os vocábulos do Anexo 2 e mais alguns de outras fontes, numa releitura de acordo com a normatização do português brasileiro.

Como já mencionamos no capítulo 3, nossa intenção era promover uma simulação de um contexto de fala para podermos gravar um diálogo entre dois falantes. Embora saibamos que isso não é o mais adequado para pesquisas em Linguística, esse é o único recurso que temos disponível. Tentei, então, por diversas vezes, reunir dois ou mais falantes e colocá-los frente-a-frente conversando para então gravá-los. Depois de inúmeras tentativas sem lograr êxito, mudei de estratégia e resolvi montar um roteiro de perguntas e respostas para serem gravadas separadamente. Fui mais uma vez até a empresa onde trabalha o Sr. Alcari Schizzi e gravamos ali mesmo em seu local de trabalho após o expediente – em torno de 18h do dia 20/06/2005. Logo em seguida, no mesmo dia, fui até a empresa onde trabalha o Sr. Osvaldir Inácio de Oliveira Padilha e fiz o mesmo. As referidas entrevistas foram feitas do seguinte modo: levei comigo um roteiro de perguntas segundo o qual eu pedia ao informante, coisas como *peça ao fulano para fazer tal coisa* ou *convide o beltrano para fazer tal coisa* e assim por diante. Após isso, montei as duas entrevistas como um só diálogo utilizando o programa Sony Sound Forge 7.0 (2003). A seguir temos a descrição das entrevistas.

Roteiro da entrevista com o Sr. Alcari Schizzi (Curinga):

A princípio, expliquei a seguinte situação: disse que faria as gravações separadas com cada um dos dois informantes para depois montá-las como se fosse um diálogo só. Ambos concordaram e, então, passei a dar as instruções relacionadas a seguir ao primeiro informante, o qual atendeu prontamente. Algumas vezes, ele preferiu rascunhar a resposta por escrito antes, como que se preparando para a gravação.

Instruções:

- Convide o Padilha para tomar cerveja.
- Ele pergunta onde o senhor vai passar o Natal. O senhor dá uma resposta à sua escolha.
- Ele pergunta o que o senhor vai fazer no domingo. O senhor dá uma resposta à sua escolha.
- O senhor diz a ele que o procurou hoje pela manhã e não o achou.
- O senhor pergunta a ele o que ele vai fazer à noite.
- Ele vai convidar o senhor para um jantar. O senhor dá uma resposta à sua escolha.

Logo em seguida, pergunta a ele se havia alguma outra música (além da que já consta no Anexo 5), da qual pudesse cantar um trecho para termos em nossos arquivos, ao que ele cantou a música registrada no Anexo 8. Disse-me também, que quem conhece uma porção de músicas *traduzidas* para o linguajar é o Padilha. Disse que este sabe cantar, por exemplo, a música *Boneca cobiçada*.

Perguntei o que significa a terminação *-ínsio*, que posso verificar, como membro da comunidade, que está presente na fala gíria de uma porção de pessoas (como em *cachorrínsio*, *caderínsia*, *buraquínsio*, entre outras). A sua resposta foi a de que este sufixo não existe no linguajar, resposta que confirma exatamente o que disse o Sr. Waldir Petry, no início da minha pesquisa, em uma conversa informal que tive com ele no ponto de táxi da rodoviária de Joaçaba, onde ele então trabalhava.

Coloquei, também, a seguinte situação: disse-lhe que já pude perceber que há uma certa modificação nas palavras do português para que elas se transformem em palavras do linguajar, ao que ele concordou. Indaguei então sobre a origem de termos como *mirco* e

moile. Ele me disse que não se sabe a origem, mas me explicou que *moile* pode significar *homem*, *piá* ou *velho*, mas que existe também a palavra *sôrmio*, para denotar *moço*.

Roteiro da entrevista com o Sr. Osvaldir Inácio de Oliveira Padilha:

Os procedimentos da coleta de dados com o Sr. Padilha são os mesmos que da entrevista anterior. A montagem a seguir foi feita eletronicamente conforme os passos já descritos. Tanto o roteiro como a transcrição da montagem podem ser encontrados no Anexo 8. Já as gravações encontram-se no CD do Anexo 10. Depois disso, toquei a gravação para dois outros falantes e verifiquei se eles compreendiam o diálogo, o que teve resposta positiva. Os dois souberam *traduzir* o que estava sendo dito.

É bastante interessante pontuar que não apenas neste momento, mas na maioria das vezes em que estive questionando informantes a respeito do linguajar, ficava muito nítida a vontade de protegê-lo. Parece uma dicotomia, pois em muitos momentos deste trabalho, e também de outros, os informantes manifestam a vontade de que se catalogue o linguajar, entretanto, é bastante difícil coletar o material. Isto nos remete mais uma vez à concepção de gíria adotada por Preti nos seus trabalhos arrolados na bibliografia de que a gíria estabelece limites de identificação de grupos e, portanto, é uma marca deste ou daquele grupo. Proteger a gíria do conhecimento de estranhos é, então, proteger também o grupo de membros estranhos a ele.

No decorrer do trabalho fomos descobrindo outras fontes de coleta de dados sobre o linguajar e fomos catalogando o que encontramos, também desviando um pouco do objetivo, mas atendendo a uma outra necessidade que é a de identificar fontes de dados sobre o linguajar. No anexo 7 podemos encontrar algumas das telas do extraídas da rede social *Orkut*,

acessado via Internet, onde encontramos duas comunidades sobre o linguajar. Exploraremos os aspectos mais relevantes sobre o conteúdo destas comunidades no capítulo 7.

As gravações transcritas nos Anexos 5 e 8 estão no que se encontra no Anexo 10. Este também foi gravado com o programa Sony Sound Forge 7.0 (2003). O contém quatro faixas: a montagem das entrevistas, uma faixa para cada uma das duas músicas, e uma faixa com uma entrevista.

No primeiro contato que tive com Volpato, este me entregou uma cópia da sua monografia de final de curso (Graduação em História), da qual pude obter os primeiros dados sobre o linguajar. No trabalho em questão, o linguajar é situado no tempo e no espaço, são exploradas as suas características do ponto de vista antropológico. A partir da monografia de Volpato, pude arrolar os informantes e facilmente visualizar quem são os falantes que melhor dominam o linguajar, bem como identificar o grau de dificuldade de ter acesso a eles. Isto foi possível porque as duas cidades são pequenas¹⁴, pelo fato de a maioria dos informantes listados serem figuras bastante conhecidas e também por eu ser natural da cidade, o que facilita o contato com eles. Isto fica explícito na primeira entrevista que fiz (Anexo 3) quando o informante redige um texto no linguajar e faz menção à minha mãe e minha avó.

De acordo com Preti (2001, p. 242), as gravações da língua oral constituem a fonte de primeira mão de toda pesquisa de gíria, pelo menos a partir do aparecimento dos gravadores. Mas esta fonte nem sempre está à disposição do pesquisador, mesmo porque não se trata simplesmente de possuir um gravador (ou, mais modernamente, uma câmera de televisão ou cinema ou um telefone celular), e sim de poder utilizá-lo dentro de uma determinada situação. Por isso, vários *corpora* de pesquisas são constituídos de transcrições de textos orais (entrevistas de jornais, listas de vocábulos gírios divulgados com o propósito de caracterizar a linguagem de um determinado grupo etc.) ou até de documentos literários ou teatrais, em que

se supõe tenha havido o aproveitamento da gíria ouvida ou empregada pelos autores, num determinado tempo e espaço.

No Anexo 2 encontra-se a uma cópia *fac simile* (aplicando o recurso copiar/colar do editor de texto) do glossário encontrado em Volpato (2003). A este rol de palavras falta convenção linguística no que tange ao registro gráfico, e.g. a grafia de *sarmio* (março) que não permite a quem não conheça a pronúncia empregada originalmente saber se a pronúncia é [‘sarmjo] ou [sar’mio], porém seguindo os paradigmas de acentuação do português brasileiro e grafando *sármio* temos uma convenção. Estendemos esta lógica a todos os outros casos, como os registros *thonco* (conto) *tierça* (terça) e *rutcha* (tua) que não permitem ao falante do Português do Brasil identificar o som [tʃ] então representado pelas sequências de letras *th*, *ti* e *tch*. Em casos como estes optamos por empregar o que seria empregado em acordo com a morfofonologia do Português do Brasil empregando então *tch* nos três casos, grafando *tchonco*, *tchêrça* e *rutcha*. Para sanar esse problema, fizemos uma revisão e adequamos às normas do Português do Brasil reformulando o glossário do Anexo 2 e organizando-o no Anexo 6.

Também optamos, para este trabalho, fazer uma transcrição fonética *lata*, o que cremos ser suficiente para alcançarmos os nossos objetivos. Diferenciamos, por exemplo, o r vibrante/sonora/alveolar, que representaremos por [R], do *tap* [r], mas empregaremos somente a notação [r] em oposição a estes dois, ignorando o uso dos fonemas [x], [h], [ʃ] e [ʒ]. Assim nos posicionamos a respeito porque percebemos, tanto como membro da comunidade como nas gravações que recolhemos, que estas diferenças não são fatores relevantes para a chave de codificação. O falante que para *carro* pronuncia [‘kaRo], no linguajar pronunciará [‘Rakjo], o que pronúncia [‘Karo], produzirá [‘rakjo] e o que

¹⁴ A estimativa do IBGE apontava em 2004 Herval d’Oeste com 21.179 habitantes e Joaçaba com 24.708.

pronuncia [‘kahu] pronunciará [‘hakjo]. Também, não consideramos as diferenças entre [‘salto], [‘sawto], [‘saltu] ou [‘sawtu], e empregaremos [‘salto]; e nem as diferenças entre [‘mezmo], [‘mezmu], [‘mexmo], [‘mexmu] e [‘meizmu], empregando [‘mezmo]; e assim sucessivamente.

5.2 Da análise dos dados

De acordo com Preti (2001), o primeiro dilema do pesquisador que trabalha com gíria é delimitar o seu campo de pesquisa e o seu objeto de estudo. O pesquisador deve estar ciente de que a *gíria* pode ser investigada sob dois aspectos: a chamada de grupo, ou seja, a de um vocabulário de grupos sociais restritos; e a gíria comum, que se incorpora ao vocabulário popular. Para a análise dos dados nos valeremos do modelo de análise apresentado por Mèla (1988) para a análise do *verlan*. Optamos por empregar este método dada a semelhança no processo de codificação entre o *verlan* e o linguajar. Parece-nos, apenas, que os mecanismos da encriptagem do português para o linguajar são mais complexos do que aqueles que *verlanizam* os itens do francês.

Dizemos que são mais complexos porque não operam apenas com a inversão de fonemas e sílabas e com o acontecimento das epênteses, mas recebem morfemas que são peças-chave do processo.

A partir da coleta dos dados descrita em 5.1, temos, agora, um cópuz, embora ainda em estágio embrionário, mas bem construído no que diz respeito à sua localização sócio-histórica e adequado às normas ortografia do português brasileiro.

6. ANÁLISE DOS DADOS DO LINGUAJAR

Desde que empreendemos o estudo do linguajar, pudemos notar que há uma chave de encriptagem que é de domínio dos falantes mais antigos, os quais eram parte do contingente de meninos maleiros e engraxates nas décadas de 50 e 60. É unânime entre os falantes desta época, com quem tivemos contato, que uma mesma palavra pode ser encriptada de maneiras distintas sem se tornar ininteligível para eles. Isto nos remete ao Quadro 5 e ao que diz L'abbé a respeito deste exemplo: *Nous remarquons que pour lê mot calibre, il existe deux formes de verlanisation, soit [libPØka] et [bPØlika]* (L'Abbé, s.d.). Note-se que (5) pode ser tanto (5a) quanto (5b); e (6) pode ser (6a) ou (6b)

(5) telefone

(5a) [tele'rõfe]

(5b) [tele'norfjo]

(6) faca

(6a) ['krafja]

(6b) ['narfja]

É bom ressaltar que os exemplos (5) e (6) identificam os “erros” de encriptagem cometidos pelas pessoas que aprenderam o linguajar em época posterior à sua gênese e que não dominam completamente as chaves de encriptagem originais. Dois informantes disseram que (7) no linguajar é (7a) ou (7b), mas que *muitas pessoas que não são da época e aprenderam o linguajar agora falam (7c) e têm a mania de por –insyo no final das palavras e*

acham que é o certo. Não é possível, por enquanto, determinar qual é a função do sufixo / – insyo / no linguajar. Já constatei que ele existe e que alguns dos falantes das gerações mais novas não o empregam corretamente. Nossa hipótese é que ele indica diminutivo, mas, como não é o foco deste estudo, deixamos o mesmo de lado para estudos posteriores.

(7) cadeira

(7a) [la'nerkja]

(7b) [dZja'rekja]

(7c) * [kade'rinsja]

Basicamente, a chave de encriptagem¹⁵, salvaguardadas as peculiaridades inerentes ao processo é:

1 2 # ⇒ # 2 1

em que:

consoante/vogal - consoante/vogal

1a 1b 2a 2b

#, representa o começo e término da palavra; e ⇒ indica o resultado criptografado.

Sendo que há traços característicos do linguajar a serem levados em consideração, dividimos, quando empreendemos esta pesquisa, a análise em quatro categorias: dissílabos,

¹⁵ O símbolo # indica começo e final de palavra; e o símbolo ⇒ indica o resultado já encriptado; e os números 1 e 2 representam a primeira e a segunda sílaba das palavras respectivamente. Vale ainda ressaltar que muitos dos exemplos aqui arrolados, mesmo não sendo dissílabos, são reanalisados como dissílabos para compor a estrutura da encriptagem.

monossílabos, polissílabos e casos especiais. No entanto, ao avançarmos com o trabalho, fomos percebendo que, para uma dissertação de mestrado, seria muita pretensão querer descrever as quatro categorias. Para dar conta, da maneira que queríamos, de todos os objetivos arrolados no capítulo 2, é necessário um trabalho de mais fôlego, como uma tese de doutorado talvez. Diante disso, resolvemos dar atenção especial a uma tentativa de descrição do processo que encriptagem dos dissílabos, que é apresentada a seguir no item 6.1; quanto aos monossílabos, polissílabos e casos especiais, nos limitaremos a levantar alguns exemplos e tecer algumas considerações.

6.1 Dos dissílabos

A estrutura de encriptagem das dissílabas está calcada no modelo apresentado no início do capítulo. Porém, devido a algumas particularidades, tornou-se necessária a sua divisão em três casos.

Antes de vermos cada um deles com mais profundidade, é mister admitir que se encaramos o linguajar como uma gíria encriptada do português brasileiro, vale dizer que a organização dos paradigmas *morfofonológicos* do léxico do linguajar devem respeitar os padrões do português brasileiro.

6.1.1 Caso 1

Neste grupo de palavras a estrutura é:

consoante/vogal – consoante/vogal # \Rightarrow # consoante/vogal – r – consoante/j/vogal

1a 1b 2a 2b # \Rightarrow # 2a 1b r 1a j 2b

sendo que,

$$\# \text{CV}_1 \left\{ \begin{array}{c} \mathbf{F} \\ \mathbf{N} \\ \mathbf{L} \end{array} \right\} \text{V}_2 \# \Longrightarrow \# \left\{ \begin{array}{c} \mathbf{F} \\ \mathbf{N} \\ \mathbf{L} \end{array} \right\} \text{V}_1 + \mathbf{r} \text{C} + \mathbf{j} + \text{V}_2 \#$$

onde, C é consoante, V é vogal (sendo que os números subscritos 1 e 2 representam as vogais de primeira e segunda sílaba respectivamente), F é fricativa, N é nasal, L é lateral. Ou seja, a segunda sílaba do vocábulo em questão apresentando uma consoante fricativa, nasal ou lateral; quando a encriptamos para o linguajar, ela resultará em primeira sílaba formada por uma consoante nasal, fricativa ou lateral e a vogal da primeira sílaba da palavra original, mais um *r tap* em trava de sílaba, e, para a segunda sílaba, temos a consoante que era originalmente da primeira sílaba, o iode epentético agregando-se à segunda vogal e tornando-se ditongo. Note-se que a consoante inicial da segunda sílaba nunca pode ser oclusiva.

Deve-se observar que neste processo de inversão aparece uma vibrante (P) entre a primeira e a segunda sílaba. Essa vibrante é recorrente em várias palavras do linguajar, o que nos indica que a sua inserção parece ser um traço característico da encriptagem do linguajar, é peça da chave de encriptagem. Vale observar que em todos os exemplos arrolados no Quadro 07 aparece o *tap* em trava de sílaba.

Na segunda sílaba temos, também, a epêntese de um iode. Quanto a este último, tínhamos no início de nossa pesquisa um questionamento: ele é parte da encriptagem ou é traço do falar regional que foi também criptografado? Assumimos aqui que ele é também parte da chave de encriptagem, uma vez que não é característica da prosódia regional e não se

observa na fala dos nossos entrevistados realizações [‘muʃtʃju] ao invés de [‘muʃto] ou [‘muʃtu] para a palavra *muito*.

Ainda, quanto à epêntese do iode, temos uma forte inclinação a aceitar a idéia de que isso acontece como um recurso que é marca de variedades informais, porém não é um ato estranho à linha de evolução que a língua portuguesa tem apresentando até então. Explico: o fenômeno é o mesmo que se verifica na evolução de *iustitia*, em latim, para *justiça* em português brasileiro. Observe-se que a terminação *-tia* era já pronunciada como africada. É este aparecer/desaparecer que dizemos não ser estranho à língua portuguesa. Já quanto ao uso em variedades não-padrão, citamos como exemplo a pronúncia caricatural do personagem humorístico Seu Creisson (personagem fictício do grupo humorístico *Casseta & Planeta*), que transforma *mundo* em *mundio*, *acho* em *achiu* e *candidato* em *candidátiu*. Não é incomum observarmos, na fala de pessoas com menos escolaridade, ocorrências como *negóço*, *adivogado*, *alfácia*. Queremos pontuar que o acréscimo ou retirada do *i*, vogal ou semivogal, parece estar ligada ao lado lúdico das linguagens coloquiais, o que, de certa forma, justifica a sua aparição no linguajar. Fazemos notar também que todos os exemplos do Quadro 07 apresentam o aparecimento da semivogal [j] na segunda sílaba.

A posição da sílaba tônica também não é alterada: quando a palavra base é paroxítona, depois de criptografada continua sendo paroxítona, mesmo que parte da sílaba que a compõe – ou toda ela - tenha sido modificada.

Como se pode observar no Quadro 07, estamos considerando que a encriptagem que resulta no linguajar tem como base a fala do português brasileiro. É por isto que já registramos na segunda coluna a transcrição fonética *lata* de palavras como *contar* e *perder* já com a perda da vibrante final, cujo uso em português brasileiro está em franco declínio.

Considere-se o quadro a seguir para os exemplos:

ITEM LEXICAL	PORTUGUÊS	LINGUAJAR
Bala	['bala]	['larbja]
Casa	['kaza]	['zarkja]
Mala	['mala]	['larmja]
Pena	['pena]	['nerpja]
Pelo	['pelo]	['lerpjo]
Livro	['livro]	['vriljo]
Quilo	['kilo]	['lirkjo]
Bola	['bɔla]	['lɔrbja]
Coxa	['koʃa]	['ʃorkja]
Dono	['dono]	['nordjo]
Fumo	['fumo]	['murfjo]
Pulo	['pulo]	['lurpjo]

Quadro 9 – Dissílabos do linguajar – Caso 1

6.1.2 Caso 2

Aqui, a chave de encriptagem é a seguinte:

1a1b1c 2a2b # \Rightarrow # 2aʃ1br1a2b #,

apresentando também a variante

1a1b1c 2a2b # \Rightarrow # 2aʃ1br1aj2b

sendo que,

$$\# C V_1 \left\{ \begin{matrix} t \\ d \end{matrix} \right\} V_2 \# \Longrightarrow \# \left\{ \begin{matrix} tʃ \\ dʒ \end{matrix} \right\} V_1 + C + V_2 \#$$

Ou seja, quando a segunda sílaba do vocábulo original apresentar traços oclusivos [t] ou [d] mais vogal, temos, depois de encriptado, uma primeira sílaba com [tʃ] ou [dʒ] aspirados, e.g., [tʃ] ou [dʒ].

ITEM LEXICAL	PORTUGUÊS	LINGUAJAR
Certo	['sɛrto]	['tʃɛrso]
Contar	[kɔ̃'ta]	[tʃɔ̃'ka]
Conto	[kɔ̃'to]	[tʃɔ̃'ko]
Perder	[per'de]	[dʒɛP'pe]
Ponta	['pɔ̃nta]	['tʒɔ̃pa]
Ponte	['pɔ̃nte]	['tʃɔ̃pe]
Porta	['pɔ̃rta]	['tʃɔ̃rpa]

Quente	['kête]	['tʃêke]
Cantar	[kã'ta]	[tʃã'ka]
Quinto	['kĩ'to]	['tʃirkjo]
Bosta	['bosta]	['tʃosba]

Quadro 10 – Dissílabos do linguajar – Caso 2

6.1.3 Caso 3

Neste grupo de palavras a estrutura é:

consoante/vogal – consoante/vogal # \Rightarrow # consoante/P/vogal — consoante/vogal

1a 1b 2a 2b # \Rightarrow # 2a r 1b 1a 2b

apresentando também a variante

consoante/vogal – consoante/vogal # \Rightarrow # consoante/P/vogal + j + consoante/vogal

1a 1b 2a 2b # \Rightarrow # 2a r 1b j 1a 2b

sendo que,

CV₁ {p, b, k, g} V₂ # \Rightarrow # {p, b, k, g} V₁ + r C + j + V₂.

Ou seja, quando a consoante inicial da segunda sílaba do vocábulo original é oclusiva não alveolar, resulta no aparecimento do r epentético na primeira sílaba da palavra encriptada, podendo aparecer também um iode epentético em trava de sílaba.

ITEM LEXICAL	PORTUGUÊS	LINGUAJAR
Jogo	['ʒogo]	['groʒo]
Jogar	[ʒo'ga]	[gro'ʒa]
Louco	['loko]	['krojlo]
Subir	[su'bi]	[bruj'si]

Quadro 11 – Dissílabos do linguajar – Caso 3

Observe-se, ainda, que o jogo de encriptagem altera o padrão silábico após realizada a inversão. Tomemos a palavra *jogo*, que tem estrutura CV CV, mas, depois de encriptada para o linguajar tem a estrutura CCV CV — *grojo*.

6.2 Dos monossílabos

Os monossílabos parecem, na maioria das ocorrências, inverter a posição CV para VC, recebendo um *r* no início da palavra e ganhando uma vogal ou semivogal epentética no final. Como exemplo temos a palavra *cu* [ku], que vira *ruque* ['Ruke]; e *vem* [vẽ], que vira [Rẽv∂]. Nos dois casos, se fossemos fazer a mera inversão, sem a inclusão dos dois fonemas que são parte da encriptagem, teríamos uma sequência estranha às normas silábicas do português: um monossílabo VC, em que a C não é das admitidas como fechamento de sílaba. Observe-se que ambos vêm para fazer com que a vogal original combinada ao *r* inicial origine a primeira sílaba CV, e o *e* final combinado com a consoante inicial produz também sílaba CV. Temos então, como resultado da encriptagem, palavras dissílabas com estrutura CVCV (!).

Outro aspecto interessante pode ser observado nas palavras *chão*, *não* e *pão*; que embora tenham a vogal *a* modificada para *o*, o traço nasalização permanece, além de se transformar em dissílaba. Penso que há grande chance de ser influência da pronúncia regional, pois, no meio-oeste catarinense, são bastante comuns as pronúncias *alemón*, *casacón*, etc.

Mais um fato curioso é a respeito da palavra *sim*, que em todas as fontes apareceu como *sirne*, o que contraria os paradigmas de encriptagem ora descritos. A única exceção foi na música registrada no Anexo 8, onde encontramos a ocorrência *rince*, o que fecha com os nossos modelos. Cremos que isto se dá de forma diferenciada na música porque se naquela situação fosse colocado *sirne*, não teria prosódia musicalmente boa para uma versão com boa musicalidade. O recurso utilizado então, por razões estéticas, foi encriptar de acordo com a regra geral, o que resultou em *rince*.

PORTUGUÊS	LINGUAJAR
Bem	Rembe
Bom	Rômbio
Chão	Ronche
Cu	Ruque
Dar	Radiar
Dia	Rídia
Eu	Mirco
Foi	Roife
Mãe	Rãime
Mão	Rome
Meu	Mirco

Não	Rone
Pai	Raipe
Pão	Rompe
Pau	Raupe
Pé	Réupe
Quem	Renque
Quer	Réuque
Sim	Sirne/rince
Tem	Rentche
Ter	Rentchar
Teu	Reutche
Tio	Riutche
Trem	Rentche
Tua	Rutcha
Vai	Raives
VeZ	Reives
Vou	Raives

Quadro 12: Monossílabos do linguajar

6.3 Dos polissílabos

No que tange aos polissílabos, a regra de encriptagem parece variar bastante. Como exemplos, podemos listar *pentelho*, que vira *tchenlêpio*, onde o jogo com a organização silábica envolve as três sílabas; *hospital*, que vira *ospirautche*, onde o jogo da inversão parece

ter escopo apenas na última sílaba; *pESCOÇO*, que vira *PESSÔRQUIO*, onde a encriptagem parece agir apenas nas últimas duas.

Ao que tudo indica, as palavras mais longas apresentam diversas regras diferentes. Para mais exemplos, remetemos tanto ao item 3.1.4 do capítulo 3 onde são discutidos alguns exemplos do *verlan* como para os exemplos (5) e (6) do Capítulo 6, que apresenta dados do linguajar.

6.4 Dos casos especiais

6.4.1 Vocábulos *a priori* próprios do linguajar

Parece haver um certo número de casos para os quais, até agora, ainda não conseguimos estabelecer uma ligação entre o vocábulo em português brasileiro e o seu equivalente no linguajar. Por enquanto, estamos considerando que são vocábulos próprios do linguajar, mas não descartamos a possibilidade de terem vindo de formas singulares, de processos metafóricos, ou mesmo de uma língua estrangeira. Vejamos no Quadro 13 alguns exemplos.

LINGUAJAR	PORTUGUÊS BRASILEIRO
mirco	Eu, mim, meu
morteriari	Comer, tomar , beber
diorfar	Transar, foder , comer, ter relação sexual com

Quadro 13 – Vocábulos *a priori* próprios do linguajar

Sem dúvida, podemos dizer que *morteriari* e *diorfar* são formas encriptadas dos verbos que destacamos no próprio Quadro 13. Porém, na encriptagem deles há algo diferente do que propomos como regra geral. Já quanto a *mirco*, cremos que o mais provável é que tenha se originado a partir do *-migo*, como em *comigo*.

6.4.2 Da gíria em gíria encriptada (!)

Um caso que nos chamou bastante a atenção foi o relatado por dois informantes ao nos contarem que em um determinado bar da cidade a cerveja de marca Antártica é chamada de *lírfa de resmia*. Isto porque as mulheres que pertencem a um grupo de oração, que se chama *Filhas de Maria*, costumam usar uma faixa azul atravessada no peito, e a cerveja Antártica também tem uma faixa azul que atravessa o seu rótulo. Aplicando-se a regra de encriptagem na sequência *Filhas de Maria*, tem-se então *lírfa de resmia*. Sem dúvida, é possível observar então o que é gíria de grupo (referir-se à cerveja por uma expressão gíria) e o que é encriptagem. São coisas distintas.

7. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DO LINGUAJAR

A existência de fenômenos linguísticos como o explorado no presente trabalho não é nenhuma novidade. Já mencionamos no decorrer da nossa análise, o *verlan* do francês, o *vezre* do espanhol. Podemos colocar também nesta relação de modos de comunicar ligados à pândega a *língua do pê*, que fez e ainda faz parte da infância de muitos brasileiros.

A *língua do pê*, consiste em colocar antes de cada sílaba a letra *p*. É um processo de encriptar algo de maneira bem simples, ininteligível, entretanto para quem desconhece o código.

Não é raro, também, encontrarmos pessoas que conseguem falar ao contrário. O que frequentemente varia é a forma como as pessoas fazem esta inversão, ou seja, muda o mecanismo de codificação. Cerca de dois anos atrás, o programa Fantástico da rede Globo mostrou em reportagem jornalística uma família que *fala ao contrário*. Eles não invertiam as sílabas, mas sim todos os fonemas. Um jeito de comunicar que caracterizava os seus usuários como membros daquela família.

Há também os palíndromos, que, mesmo tendo o seu uso mais restrito aos contextos humorísticos, artísticos e livros de passatempos, são aspectos da linguagem que são explorados no mundo real. No *Livro dos palíndromos (ou bifrentes)*, de Eno Teodoro Wanke, encontramos frases longas que podem ser lidas ao contrário, pois têm a mesma sequência de letras. Como exemplo temos *Socorram-me, subi no ônibus em Marrocos!*, e por aí vai. Podemos observar um exemplo atual disso na tira a seguir, extraída do primeiro exemplar da revista *Língua Portuguesa*, que começou a circular nas bancas no início dos anos 2000. A brincadeira começa com o próprio nome do cartunista Laerte que, invertendo a ordem das

letras do seu nome e colocando pontos finais após a primeira e a segunda letra, tem o resultado E.T. Real. Apesar de a brincadeira com palíndromos apresentar frases confusas, a brincadeira é processada no nível metalinguístico.



Figura 02

Essas inversões são mecanismos de codificação. Análogo a isso, temos a gíria. A gíria *acontece* quando se emprega uma palavra ou expressão para denotar um significado derivado ou diferente daquele que denota *a priori*. É, portanto, uma espécie de código. Os palíndromos são também um código permeado de jogos verbais.

Uma das características mais marcantes do fenômeno gírio é a efemeridade. Como exemplo disso, podemos citar a expressão *É uma brasa, mora?*, difundida por alguns cantores da chamada *jovem guarda* dos anos sessenta. É uma expressão bastante conhecida entre as pessoas com mais de 30 anos, no entanto os mais jovens desconhecem a expressão, pois caiu em desuso. Observamos, entretanto, que o fenômeno estudado, apesar de apresentar as características de gíria arroladas no capítulo 3.2 do Referencial Teórico, parece não ser efêmero. O nosso linguajar originou-se nos idos dos anos 50 e perdura até os dias atuais. Observando os informantes do presente trabalho, somos levados a crer que há pelo menos três grupos de *falantes* do linguajar: o grupo *antigo*, que se subdivide entre aqueles que criaram o linguajar e aqueles que o aprenderam (portanto, modificando-o), e o grupo de falantes mais jovens, que tenta se apropriar do linguajar (da mesma forma, modificando-o!). A esse respeito, trata também o organograma no Capítulo 4.

Claro, os vocábulos empregados hoje pelos mais jovens não são reconhecidos como pertencentes àquele vocabulário original, empregado pelo grupo entrevistado por Volpato. Acreditamos que são uma variante daqueles então utilizados. Isso denota mais um forte indício de que este *linguajar-gírio* tem características de um léxico vernáculo de uma porção de falantes. Ele sofreu modificações e está em constante reconstrução, exatamente como acontece com as línguas naturais.

Pensamos haver motivos às vezes não tão explícitos para isto. Como membro da comunidade, observo que muitas pessoas que conhecem este linguajar não apenas fazem questão de deixar claro que o *conhecem bem*, mas também fazem questão de mencionar que

sicrano ou beltrano *diz que sabe, mas não sabe*. A primeira pessoa¹⁶ com quem conversei a respeito do linguajar, me disse que *tem muita gente que não sabe falar, e põe “insio” no final das palavras e se diz conhecedor do linguajar*. Este foi o primeiro indício encontrado nesta pesquisa de que há uma disputa sobre a legitimidade dos *donos* do linguajar. É nítida a vontade de figurar como *membro do grupo criador do linguajar*. Este fator foi, de certa forma, um aspecto que dificultou a presente pesquisa. Sempre nos pareceu que isto acontecia porque estavam a *proteger o código*, mas acreditamos haver outras representações sociais em jogo.

Um outro exemplo, é quando percebo que é do uso de uma quantidade significativa de pessoas a palavra *morne* [‘mɔrne] como sinônimo de homem, camarada, cara; e um dos informantes com quem conversei me disse que ao ouvir algumas pessoas falando esta palavra, *sentiu-se na obrigação de corrigir a pronúncia deles* e dizer que o correto é *moile* [‘mɔjle]. Embora, segundo o meu informante, eles pronunciavam *errado*, o significado permanecia o mesmo. Já no *DICIONÁRIO DA GÍRIA HERVALENSE*, de Antônio Dallacosta (Anexo 9), aparece o registro de *morne* com o significado de *fulano*, que, na lista apresentada por Volpato (2003) tem entrada própria (*lurfiano*). Este é outro caso que parece contrariar a regra geral. Pensamos que a palavra base para a criptografia é a palavra *homem* (ou as variantes *home* e *ômi*), o que nos levaria mais facilmente a *morne* do que a *moile*. Sem dúvida, é bastante interessante observar a busca dos falantes por uma *norma linguística* (sentir-se na obrigação de corrigir!). Esta peculiaridade nos mostra mais uma vez o sentimento de apropriação típico de uma língua vernácula.

Este trabalho não tem o objetivo de identificar a legitimidade de um ou de outro, mas pontuar que há diferenças de uso e de significado exatamente como os que acontecem em

¹⁶ Neste capítulo, opto por omitir alguns nomes, porque não pretendo insuflar divergências entre os membros da comunidade da qual faço parte. Ou seja, não quero escrever aqui *fulano disse que sicrano não sabe*.

língua natural. Da mesma maneira que a variação da palavra que remete ao tubérculo da planta *manihot utilissima* varia, - dependendo da região, pode ser chamado de *mandioca*, *aipim* ou *macaxeira* - encontramos também variantes linguísticas em nosso objeto de estudo.

Lembro com bastante clareza que no último pleito eleitoral (2004), duas ou três pessoas que já sabiam do meu interesse pelo linguajar, disseram que um dos candidatos a prefeito chegou a verbalizar na mídia que um dos seus opositores *nem falar na gíria sabia*. Não fui a fundo pesquisar se isso ocorreu de fato ou não, mas o que é realmente interessante é que a partir de revelações como estas podemos perceber como isso povoa o imaginário popular e cria, em alguns casos, a representação de que o linguajar serve para legitimar a cidadania hervalense, em oposição aos joaçabenses, do outro lado do Rio do Peixe, que, nesta linha de raciocínio, não têm legitimidade para falar no linguajar. Este é outro fato curioso, dado que são duas pequenas cidades separadas apenas pelo Rio do Peixe, mas que são, em fato, a mesma comunidade. Esta *disputa* nos põe diante de uma problemática de identidade e diferença. Identificação dos membros do grupo dos falantes legítimos em oposição aos ilegítimos (que falam variantes do linguajar) e àqueles que não conhecem nada do linguajar.

Esta disputa está sendo revivida agora pelos mais jovens. Encontramos na Internet, na rede social *Orkut*¹⁷, duas comunidades sobre o linguajar (Anexo 7). Uma com o nome de *Eu larfia na grinfia* e outra com o título *Lárfia da grínfia?*. Na comunidade *Eu larfia na grinfia*, há um fórum de discussão com o nome de *Miritcha* (mentira) onde a única mensagem é *Voresque rone larfia na grinfia, seu larmia, lerontche!* (Você não fala na gíria, seu mala, leitão!), numa acusação explícita de que os membros daquela comunidade não conhecem o

¹⁷ O Orkut é um programa que é disponibilizado gratuitamente na Internet no qual as pessoas podem se cadastrar, colocando informações (dados pessoais, fotos, etc) e interagir com outros usuários através da criação e participação de comunidades acerca de um determinado tópico, recados e envio de mensagens de correio eletrônico. Dentro de cada comunidade é possível criar fóruns de discussão. O programa pode ser acessado em <https://www.orkut.com>

linguajar. Já na comunidade *Lárfia da grínfia?*, há um fórum intitulado *Protesto*, com a mensagem

Galera. Existe uma comunidade intitulada de "Eu larfio na grínfia", de propriedade do prego do Felipe Vieceli, irmão do Selvagem. Aí eu entrei nessa comunidade e malhei né, pqe primeiro a comunidade era "Eu larfeio". Ai falei que tavam falando tudo errada e que o dono da comunidade era de Joaçaba e não podia nem se meter a falar. Conclusão: me excluiram da comunidade. Quero que os mitchelos entrem na comunidade e malhem aquele prego do Felipe e todos os verdes que fazem parte. Abraços e conto com o apoio. Sirne? Mirkio lambe bucrância... (sic)

e outra que diz *Prego não lárfia! Pode deixar, vamos todos dar um malho, voreque ta certo mitchelo! O vibrailo vai tirar do ar a comunidade.* Todos os membros destas comunidades que escreveram as mensagens acima citadas têm menos de 40 anos. Isto, sem dúvida, é um indicativo de que os mais jovens reproduzem as relações de poder que legitimam a autoridade de conhecimento do linguajar expressada pelos mais velhos. Segundo Frank Marcon (doutor em Antropologia), em comunicação pessoal, quando um povo narra o seu passado e as suas tradições, sempre estão envolvidas questões de autoridade, poder e visibilidade; e as tradições são inventadas para criar ou demandar legitimidade política e social. Encarando, então, o linguajar como parte da tradição, cremos que os fatos apresentados são indicativos fortes de que a idéia que se faz do linguajar hoje reproduz um passado não muito distante.

Já em outros momentos, percebo que muitas pessoas ligam o linguajar à malandragem *de antigamente*. Nas entrevistas de Volpato (2003), um dos informantes, filho de militar, diz que o pai não permitia que se falasse o linguajar em casa porque era linguagem de marginal. Também, são muitas as referências, quando se questiona sobre a origem do linguajar, sobre um homem que tinha o apedido de *Corvo*, que, também segundo dos dados de Volpato (2003), era um marginal da época. Novamente faço questão de pontuar que não foi de interesse deste trabalho identificar a veracidade destas informações e, sim, levantar os fatores socioculturais, reais ou imaginários, que compõem os cenários em que o linguajar é

empregado. Lembramos aqui como o *verlan* é retratado na ficção através das aventuras dos personagens Keubla e Kebra, que vivem no submundo do crime, das drogas, da trapaça.

Os cenários de uso do linguajar muitas vezes estão também, como já mencionei no Capítulo 1, relacionados à pândega, à linguagem chula, ao submundo, à malandragem.

No primeiro ano que participei como ritmista da bateria da *Escola de Samba Unidos do Herval*, o mestre de bateria falou, em tom de brincadeira, no microfone *Negada! Se vocês não baterem direito essas peças, mirco raive diorfar o ruque de voresque!* (se não baterem direito, vou comer o cu de vocês). Se falar um palavrão já implica traços de afronta a valores sociais estabelecidos, sendo também uma característica de fazer humor, certamente isso é potencializado quando os palavrões são ditos no linguajar. A prova foi visível: todos riram.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando empreendemos este trabalho, sabíamos que estaríamos enfrentando o dilema dos pesquisadores que se aventuram em escolher para seu objeto de estudo algo sobre o qual ainda não foram feitas muitas pesquisas: por um lado temos vantagem do ineditismo; no entanto, por outro, temos a dificuldade em encontrar referencial bibliográfico para as nossas pesquisas. Antes do presente, somente o trabalho de conclusão de curso de licenciatura plena em História de Alcides Volpato figurava como produção acadêmica sobre o fenômeno. É um trabalho que, como já mencionamos na introdução, pretendeu analisar o fenômeno sob o prisma da Antropologia, o que pouco nos ajuda em uma pesquisa Linguística. Mas penso ser de grande valia mencioná-lo, pois foi o primeiro trabalho científico acerca do linguajar e, creio, o seu maior mérito foi ter trazido “à baila” o assunto. É nesse viés que procurarei expor as conclusões a que chegamos, pois creio que também este trabalho trará muitas perguntas sem respostas no campo da Linguística, deixando, assim, provocações para pesquisas vindouras.

Uma das áreas que pode ser ricamente explorada nos estudos acerca desse *linguajar* é a morfossintaxe. Podemos citar como exemplo o processo de sufixação e o caso desinência verbal que tivemos que deixar de lado. Neste viés, citamos o caso da palavra *fumo*, quando indica substantivo (o fumo) é *múrfio*, e quando indica verbo no presente do indicativo (eu fumo) é *murfeio*.

Como se pode ver na análise dos dissílabos, há muito que ser feito para explicar os processos morfofonológicos que permeiam o processo de encriptagem.

A discussão sobre as representações sociais inerentes ao linguajar pode dar muito “pano para manga” também na Análise do Discurso. Visualizamos, então, possibilidades de pesquisa em Antropologia, História e todas as outras áreas das Ciências Humanas. Dizemos isto porque cremos que somente um projeto interdisciplinar de resgate cultural poderia classificar e analisar este fenômeno com a precisão que merece.

Uma das características mais interessantes do linguajar é o desrespeito à efemeridade própria dos fenômenos gírios. O linguajar sobreviveu à sua época e modificou-se. Ao contrário do que acontece com muitas gírias antigas, que faz com que as pessoas que as usam sejam motivo de chacota, o emprego do linguajar é, hoje, visto com apreço por uma parcela considerável da comunidade. Claro, há também os que o veem com desdém, embora seja bastante difícil encontrar alguém que chegue a verbalizar o desprezo pelo linguajar. Desde que comecei a olhar para o linguajar com olhos de pesquisador, pude perceber apenas uma situação em que três ou quatro pessoas manifestaram repulsa ao linguajar. O acontecimento se deu na rádio Liberdade FM de Herval d’Oeste e, na época, eu fazia parte do quadro dos comunicadores voluntários. Aconteceu o seguinte: quando o comunicador Dias, já mencionado neste trabalho, começou a usar palavras do linguajar em seu programa de rádio, algumas pessoas se puseram contra, dizendo que era linguagem chula levando o caso para uma reunião com a direção. Coincidência ou não, depois que souberam tratar-se o linguajar de objeto de estudo tanto do trabalho de final de curso de Chico Volpato, personalidade conhecida na cidade dada a sua atuação política, como da minha dissertação de mestrado, a repulsa desapareceu.

Na matéria jornalística que compõe o Anexo 4 podemos encontrar a seguinte afirmação de um dos falantes: *Como a gíria se tornou de domínio público muitos tentam falar, e, como não sabem, acabam distorcendo tudo e o linguajar perdeu muito da sua originalidade.* Esta afirmação denota o orgulho dos falantes em dominar o linguajar, o

orgulho de serem reconhecidos como conhecedores do sistema de encriptagem. O mesmo falante, nas entrevistas extraídas de Volpato (2003) verbalizou o seu desejo que as escolas municipais incluíssem o estudo do linguajar entre as disciplinas escolares, o que é indício de que o considera uma marca de cidadania local.

Embora tanto o trabalho de Volpato, que coloca quinze informantes como sendo os remanescentes daqueles falantes originais, como o presente trabalho, que apesar de também usar este cópuz, procura entrevistar novamente alguns dos informantes e localizar manifestações do linguajar nas diversas mídias (Internet, dicionários, jornais, etc); os dois falham no que diz respeito a um levantamento, pelo menos por estimativa, de quem e quantos são os falantes do linguajar. Já relatei no Capítulo 7 um fato ocorrido no ensaio da escola de samba *GRESC Unidos do Herval*, que é um forte indicativo que há mais falantes do que o até agora imaginado. Assim, examinando todas as fontes e pessoas envolvidas do cópuz utilizado aqui, é fácil perceber que há bem mais gente envolvida com o fenômeno.

Ao desenvolver este trabalho, fomos formando um rol de registros da existência do linguajar nos mais variados cenários e oriundos das mais diferentes classes sociais. Sempre procurando seguir uma metodologia científica de coleta dados e nos esforçando ao máximo para manter o distanciamento adequado entre pesquisador (embora incipiente ainda!) e objeto de estudo, é que fomos compondo, para dar a sustentação linguística inicial, à descrição dos processos linguísticos por trás do fenômeno.

Outro aspecto ainda pouco explorado é a origem de vocábulos como os apresentados em 6.4.1 Vocábulos *a priori* do linguajar.

Nos Quadros 05 e 06 podemos ver que a sintaxe permanece a mesma do português brasileiro. O linguajar não apresenta morfologia própria. É a morfologia do português brasileiro encriptada. Estes dois últimos fatos excluem qualquer possibilidade de se considerar *o linguajar* uma língua.

Em tempo, retomamos o outro fator típico desta modalidade de fenômeno linguístico. Parece-nos fator de bastante relevância que, da mesma forma que acontece com a gíria rimada Cockney, mencionada no capítulo 3.3, há uma *visão romanceada* que permeia a criação e uso destes processos de codificação. Trata-se de uma concepção, do ponto de vista dos usuários, que os coloca em um grupo de falantes (lembramos aqui os conceitos de gíria de grupo elencados por Preti) que têm um *algo a mais* do que os outros no que tange ao domínio linguístico. Seguindo esta lógica, estão em um patamar de domínio linguístico de seu próprio idioma que os coloca em posição de codificar a sua própria língua materna situando-os em um determinado grupo social. Outro motivo que nos faz perceber a romantização do linguajar é o anseio por, de alguma maneira, registrá-lo de maneira formal, haja vista as tentativas de montar dicionários/glossários e, como já mencionamos no corpo do trabalho, há alguns falantes que acreditam que o linguajar poderia se tornar uma disciplina escolar.

Ainda em um cotejo com a gíria rimada *Cockney*, observa-se outras coincidências: a quantidade de grupos de falantes e abertura para os neologismos.

De maneira análoga aos três grupos de falantes que delineamos em nossa hipótese, com diferentes habilidades de manipulação do linguajar; observa-se que na gíria rimada *cockney* são elencados também três grandes grupos de usuários (AYTO, 2002), estratificados em faixas etárias e em fatores socioculturais. Acreditamos que esta paridade, seja coincidência ou não, demonstra o quão análogos são os processos. Levemos em conta que a gíria rimada teve/têm uma penetração muito maior, o que acarreta formação de outros subgrupos empregando-a em outros contextos. Não se trata de procurar correspondência perfeita quanto ao número de grupos, mas sim de destacar que uma das semelhanças neste tipo de fenômeno é a criação de grupos de usuários. Fato curioso, pois talvez denote (mais uma vez) a vontade dos falantes de olhar para o fenômeno como se fosse uma língua, já que a estas sim é comum a variação.

Outra coincidência interessante é o fato de ser recorrente a afirmação de que a criação de novos termos nestes mecanismos de codificação são bem-vindos e esperados com bastante naturalidade. Além de mais um forte argumento para demonstrar que se trata de um código, nos leva a observar que, enquanto os falantes do linguajar que fizeram parte da nossa coleta de dados afirmem amiúde que uma palavra não existe no linguajar até que haja a necessidade de ser criada no momento de fala, é também recorrente na bibliografia sobre a gíria rimada a afirmação de que novos termos vão sendo criados conforme necessidade e variam conforme o contexto sócio histórico.

9. REFERÊNCIAS

- AGER, Dennis. *Sociolinguistics and contemporary French*. New York: Cambridge University Press, 1994
- AYTO, John. *Dictionary of Rhyming Slang*. Oxford: OUP, 2002.
- BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália - Novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 1999.
- _____. *Preconceito linguístico - o que é, como se faz*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____.(Org.) et alii. *Norma Linguística*. São Paulo: Loyola, 2001 (a).
- _____. *Português ou Brasileiro? – um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001 (b).
- BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos Estudos Linguísticos*. São Paulo: Companhia Nacional, 1989.
- BUTZEN, Günther Cristiano. A estrutura criptográfica das dissílabas do verlan e do linguajar (Resumo de trabalho apresentado em congresso) in: Caderno de Programação e Resumos do 52º Seminário do GEL. (p. 456) UNICAMP, 2004.
- _____. A estrutura criptográfica dos vocábulos do verlan e do linguajar (Resumo de trabalho apresentado em congresso) in: Caderno de Programação e Resumos do 53º Seminário do GEL. (p. 465) UFSCar, 2005.
- CAGLIARI, Luiz Carlos Cagliari. *Alfabetização & Linguística*. Série Pensamento e Ação no Magistério. 8ª ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. & BASÍLIO, Margarida. *Gramática do Português Falado*. Campinas: UNICAMP, 1996.

- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 32ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- CAMMAROTA, Federico. *Vocabulário familiar y del lunfardo*. Buenos Aires: A. Pena Lillo Editor, 1970.
- CABELO, Ana Rosa Gomes. Processo de Formação da Gíria Brasileira. in: *Alfa*, São Paulo, V. 35, p. 19-53, 1991.
- _____. Um correlato da gíria: o argot. in: *Uniletras*, vol. 14.
- CLAVET, Louis-Jean. *Que sais-je? L'argot*. 2^e edition corrigée. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- COSERIU, Eugenio. *Lições de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1980. (a)
- _____. O homem e sua linguagem. *Tradição e Novidade na ciência da linguagem*. Rio de Janeiro: Presença, 1980. (b)
- DALLACOSTA, Antônio. *Dicionário da gíria hervalense*. Herval D'Oeste: s.e., s.d.
- DARIVA, Cylo Sérgio. *Herval D'Oeste: da colonização à emancipação política (1910-1953)*. Herval D'Oeste: [s.e], 2003
- ELSON, Benjamin & PICKETT, Velma. *Introdução à morfologia e à sintaxe*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- GALLISSON, R. & COSTE, D. *Dicionário de Didáctica das Línguas*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.
- GIBBS, W. Wayt. Salve as línguas que estão morrendo. In: *Revista Scientific American – Brasil*. Ano 1, Número 3.
- GOBELLO, José. *Diccionario lunfardo*. Buenos Aires: A. Pena Lillo Editor, 1975.
- HOPPER, Paul J. and TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <<http://www.ibge.gov.br>>

Acessado em 04/08/2005 às 15h32min.

L'ABBÉ, Fannie. L'Envers de syllables: une étude comparative de la syllabe du verlan et du français. Disponível em <http://www.er.uqam.ca/nobel/scilang/cesla01/fannie.pdf>. Acessado em 21/04/2004 às 21h47min.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, Inc., 1972.

LYONS, John. *Introdução à Lingüística teórica*. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

MARCON, Frank. *Diálogos transatlânticos: identidade e nação entre Brasil e Angola*. Letras Contemporâneas: Florianópolis, 2005.

MENON, Odete Pereira da Silva.; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino. (Org.) *Variação e mudança no Português falado da região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002.

MELA, Vivienne. Parler Verlan: Règles et Usages. in. *Langage et société* n° 45 septembre 1988:47-72.

MERLE, Pierre. *Argot, verlan et tchatches*. Toulouse: Aubin Imprimeur, 2000.

MOLLICA, Maria C. & BRAGA, Maria L. (orgs.) *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PLÉNAT, Marc. *Une approche prosodique de la morphologie du verlan*. *Lingua* 95 (1995) 97-129.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: EDUSP, 1984. (a)

_____. *A LINGUAGEM PROIBIDA – um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: EDUSP, 1984. (b)

- _____. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. in: PRETI, Dino (Org.) et alii. *Fala e escrita em questão*. 2ª ed. (pp. 241-57) São Paulo: Humanitas, 2001.
- REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. As criações metafóricas na gíria do sistema penitenciário do Paraná. Dissertação de Mestrado. Londrina, 2003.
- RÓNAI, Paulo. *Babel e Antibabel ou o problema das línguas universais*. Série Debates. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- SANDMANN, Antônio. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O Português arcaico: morfologia e sintaxe*. 2ª ed. Coleção Repensando a Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2001.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7ª ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2002.
- MATHEWS, P.H. *The Concise Oxford Dictionary of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- VOLPATO, Alcides. Linguajar do Maleiro/engraxate de Herval D'Oeste/Joaçaba – Décadas de 50, 60 e 70 – a peculiaridade de um estilo de comunicação singular. Monografia de conclusão de curso. (Impresso) 2003.
- WANKE, Eno Teodoro. *Livro dos palíndromos (ou bifrentes)*. Rio de Janeiro: Plaque, 1995.

10. ANEXOS

Anexo 1 - Resumo das entrevistas relatadas em Volpato (2003)

Nome	Idade	Origem	Profissão hoje	Profissão na época (50/60)
João Silva Filho	46	Florianópolis	Micro-empresário, músico	Estudante
Oswaldir Inácio de Oliveira (Padilha)	57	Campos Novos	Vendedor e garçom	Maleiro e engraxate na ferroviária
Alcari Schizzi (Coringa)	56	Herval d'Oeste	Vendedor	
Pepe				Engraxate/maleiro
Waldir Petry	60	Erechim	Taxista	Taxista
José Norberto D'Agostini	47	Herval d'Oeste	Engenheiro Civil	Engraxate/maleiro
Tupirajara Adail Marcelino Mafra (Tupira)	60	Herval d'Oeste		Engraxate/maleiro
Thomas Pereira	55	Caçador, veio para Herval d'Oeste em 57	Barbeiro	Engraxate/maleiro
Antonio Dala Costa (Nico)	51	Herval d'Oeste	Aposentado	Estudante
Oswaldir Rodrigues do Amaral (Baixinho)	57	Ouro, veio com 5 anos para Herval d'Oeste		Engraxate/maleiro e estudante
Carlos Adão Tratske (Carlão)	60	Herval d'Oeste	Industrial	Engraxate/maleiro
Moacir Martins		Herval d'Oeste	Aposentado	Engraxate/maleiro
Gerson Pereira (Boi)	52	Herval d'Oeste	Aposentado da CELESC	Engraxate/maleiro e estivador de vagão
José Padilha (Tino)	64		Pintor	Vendia frutas na porta do Pagnocelli e carregava mala

Anexo 1 - Resumo das entrevistas relatadas em Volpato (2003)

Nome	Origem dos pais	Profissão dos pais	Continua utilizando o linguajar
João Silva Filho	Florianópolis e Lages	Militar e enfermeira	Quando encontra alguém que domina
Oswaldir Inácio de Oliveira (Padilha)	Erval Velho	Agricultores	
Alcari Schizzi (Coringa)	RS	Carpinteiro	Sim
Pepe	Machadinho	Ferroviário e cozinheira	
Waldir Petry	RS	Trabalhador da indústria madeireira	Sim, mas não como antes
José Norberto D'Agostini	Bento Gonçalves e Lacerdópolis	Mãe do lar e pai comerciante	Pouco
Tupirajara Adail Marcelino Mafra (Tupira)	Florianópolis e Lagoa Vermelha	Militar e doméstica	
Thomas Pereira	Caçador e Tangará	Ferroviário e do lar	Quando vem à barbearia algum cliente que era do "meu tempo"
Antonio Dala Costa (Nico)	Santa Maria e Bento Bandera	Madeireiro e doméstica	Fala-se hoje uma palavra ou outra no meio da conversa, não com continuidade como na época
Oswaldir Rodrigues do Amaral (Baixinho)	MG e Lages	Pedreiro e doméstica	Sim, por gozação
Carlos Adão Tratske (Carlão)	Jaguariaiva e Prudentópolis	Carpinteiro ferroviário e do lar	Somente com o pessoal da época. Ficou no esquecimento há mais de 30 anos
Moacir Martins	PR	Policial	Com os amigos
Gerson Pereira (Boi)	Herval d'Oeste, mãe descendente de Bugre e Índio	Operários	Algumas palavras
José Padilha (Tino)	Faxinal dos Padilha, Espinilho		Não

Anexo 2 - *Fac simile* do glossário de vocábulos do linguajar extraído de Volpato (2002)

Os vocábulos que compõem este cópuz são uma cópia *fac simile* do que encontramos em Volpato (2002). No entanto, para atender às nossas necessidades, o reconstruímos no Anexo 6.

Meses do ano

Janeiro –	Lanergio
Fevereiro –	Lefelerveio
Março -	Sarmio
Abril -	Alirbe
Maiio -	Larmio
Junho -	Nurgio
Julho –	Lurgio
Agosto –	Adiosgo
Setembro –	Bresendio
Outubro –	Obrutio
Novembro –	Lonembrio
Dezembro –	Debrenσιο

Dias da semana

Sábado-	Braicidio
Domingo-	Murdingo
Segunda feira-	Criciunda Rerfia
Terça-feira-	Tierça Rerfia
Quarta-feira-	Tiarca Rerfia
Quinta-feira-	Tirçia Rerfia
Sexta-feira-	Zertia Rerfia

Numeros ordinais

Primeiro –	Lirpieiro
Segundo –	Crisiundo
Terceiro –	Letiercio
Quarto –	Tiarco
Quinto –	Tiquio

Números cardinais

1 –	Urco
2 –	Zordio
3 –	Zert
4 –	Tiarco
5 –	Crincio
6 –	Zerce
7 –	Tiérce

8 –	Tioilo
9 –	Groile
10 –	Zérdio
50 -	Crincienta
100 –	Rence
1.000 -	Riume

Vocabulário mais utilizado

Abacaxi –	Bachariuche/Bacariuche
Abraço –	Assarbio
Água -	Ieráulia
Alemão –	Amelão
Aqui –	Acríude
Aquilo –	Alirquio
Amanhã –	Rosmiã
Amante –	Atiãsmo
(Anus) Cu –	Ruque
Assunto –	Atiunso
Avo –	Arove
Avó -	Aróve
Banguela –	Banlequia
Bastante –	Thasbante
Birboquê –	Biboreuque
Bóla –	Lórbia
Bolacha –	Lorbiacha
Bulica –	Lurbica
Bolo –	Lorbio
Bom –	Rômbio
Boné –	Boreube
Bonitão –	Norbio
Bonitona -	Norbio
Bosta -	Thosba
Braço –	Braiço
Broxar –	Brorauche
Bucho –	Chúrbio
Baixinho –	Charbinho
Bala –	Lárbia
Banana –	Larbiana/Charbana
Banho –	Rãmbio
Baralho –	Larbaio
Barbeiro –	Barerbio
Batata –	Tharbata
Bater –	Bareuche

Bêbado – Therbo
Bebeu – Bereube
Beber - Berebe
Bem – Rembe
Bicha – Chírbia
Bicho – Chírbio
Braço - Braiço
Bunda – Chumba/Lordo
Buraco – Bucráilo
Burro – Rúbio
Buscar – Burasque
Bom – Rombio
Boneca – Bucréulia
Borracha – Brocharbia
Bravo – Rarbio
Cara - Carecia
Cabeça – Cacerbia
Cachaça – Grimpia
Cadeia – Diarequia
Cadeira – Lanerquia
Calção – Caronce
Camisa – Zarmiquia
Carro – Raquio
Casa – Zarquia
Cabelo – Branquelo
Cacete – Catierse
Cachorro – Charcoro
Café – Caréufe
Cagar – Tchargar
Calça – Sarquia
Cantar – tiancar
Contar – Tioncar
Capilé – Calipié
Capitão – Capirontche
Carne – Nárquia
Carteira – Carechia
Casar – Zarquar
Catecismo – Catemircio
Cavalo – Calárvio
Cebola – Leçorbia
Cerveja – Breçeja
Certo - Therço
Chão – Ronche
Chave - Brauche
Chapéu – Brachéu
Chegar – Greissar
Chicletes – Chireuque
Chover – Broicher
Chupador – Bruchador
Chupar – Bruchar
Chutar – Churautche
Chuteira – Chureutcha
Cigarro – Crivo

Cinema – Minêrcia
Coca Cola – Tchorca Lorca
Coisa – Zorquia
Colono – Dionorco
Comer – Coreme
Comprar – Bronquiar
Compreender – Bronquender
Contar – Thoncar
Conto – Thonco
Conversa – Lárfia
Coxa – Chorquia
Cunhada – Rudiarca
Cunhado - Rudiarco
Cobiçar - Bronquirciar
Cobiçada – Broquirciada
Comida – Murquida
Correr – Roquer
Dar – Radiar
Deixar – Cherdier
Dela – De Leda
Dele – De Lede
Delegado – Delerguiado
Depois – Deroispe
Descer – Serdier
Dinheiro – Nibra
Dormir – Murdir
Duro – Rúdio
Demais – Desarme
Dia – Ridia
Dono – Nordio
Ir embora – Inlórbia
Engraxar - Engraraxe
Engraxate - Enxargate
Ela – Leda
Ele – Lede
Em Baixo – Em Chárbio
Em Cima – Em Mírcia
Embora – Emlórbia
Emprestar – Entchespar
Entender – Entenreudhe
Esconder – Escoreudhe
Estação – Estaronse
Este - Serde
Eu - mírcio
Faca – Cráfia
Facão – Faronque
Fala – Lárfia
Fazer – Fareuse
Feio – Lerfio
Feia - Lerfia
Feijão – Feronje
Ficar - Firauque
Fogão -Grofião

Fogo – Groifo
Foi – Roife
Fora – Lorfia
Fulano – Lorfiano
Fumar – Murfiá
Ferro – Lérfio
Filho – Lirfio
Filha - Lirfia
Flor – Roifler
Fósforo – Sórforo
Fumo – Múrfio
Gibi – Birige
Gíria - Rígia
Gostou – Gorostche
Homem alto – Moile Giangue
Mulher Alta – Rosmié Giangue
Hospital– Ospirautche
História –Hirórstia
Inchado – Ingiárquio
Irmã/o – Melã
Irmão - Melão
Jacu – Jaruque
Jogo – Grojo
Jogar – Grojar
Ladrão – Borrão
Leitão – Lerontche
Limão – Lirome
Louco – Croilo
Livro – Vrilio
Mãe – Raime
Mala – Larmia
Mão – Rome
Matar – Chasmar
Me De – Me Radia
Meio Dia – Resmio Ridia
Zona (Meretrício) – Norzia
Macaco – Chasmaco
Maconha – Manorquia
Mala – Lármiã
Maleiro - Larmiero
Mão – Rome
Meia – Resmia
Meio – Lermio
Menina – Iermina
Menino - Lermio
Mentira – Gerimitia
Meu – Mirco
Mesa - Resmia
Mijar – Chirmiar
Minha – Mirca
Missa – Sirmia
Moça – Sormia
Morcília – Munircia

Mortadela – Mortalérdia
Mula – Lúrmia
Mulher – Rusmié
Meu – Mirco
Mulher – Rusmié
Mulher Bonita – Lurbita
Mulher Boa - Rombia
Não – Rone
Namorada – Namofráila
Negra - Grenia
Negro – Grenio
Noite – choile
Outro Lado – espelochado
Ovo – Vroilo
Pão – Rompe
Pai – Raípe
Pacote – Patiorque
Palhaço – Larpiaço
Papel – Paréupe
Passar – Sarpíar
Patrão – Parontche
Pau - Raupe
Pedaço – Peçardio
Pegar – Bronchar
Peído – theibo
Pelado – Lerpiado
Pêlo – Lêrpio
Pente - Tiempe
Pentelho – Tienleipio
Perder – Dierper
Pena – Nerpia
Pescar – Perasque
Pescoço - Pesorquio
Piá – Piárro
Pica – Sírpia
Picolé – Lirpioqué
Polenta – Lorpienta
Polícia – Lurpíciã
Ponta – Tiompa
Ponte – Tiompe
Porque – poreuque
Porta – Tiorpa
Prefeito – Pertieifo
Prefeitura – Preferutia
Professora – Proferosquia
Professor - Proferoque
Pulo – Lúrpio
Pé – Réupe
Peixe – Xerpe
Pouco – Tiorpo
Putã – Tiorpa
Qualquer – Quaréuque
Quem – Renque

Quente – Tchenque
Quer – Réuque
Quilo – Lírquio
Real - Thonco/Grana
Foder (Relação Sexual) – Diorfar
Repolho – Relorpio
Revólver – Relórvio
Roubar – Borrar
Sabão – Sarompe
Sabe – Braice
Saber – Braicer
Sapato – Canapracio
Saco - Cráicio
Sacola – Salórquia
Salame – Larciame
Sapatão – Saparontche
Segurar – Gopar
Sexo – Diorfar
Sim – Sirne
Sobre - Broice
Sofá – Soraufe
Sogra– Gróissa
Sogro - Groisso
Sopa – Sorpia
Subir – Bruisir
Sumir – Surium
Sem Dinheiro – Rudio
Serenó – Lercenio
Sofrer – Broicer
Também – Tarembe
Telefone – Telenorfe

Tem – Rentie
Teu – Reutie
Tio – Riutche
Tomar (pegar) – Gopar
Tomar (beber) - Mortegar
Trabalhar – Batalhar
Trabalho – Bataquar
Trocar – Crotiar
Tua - Rutchá
Ter – Renche
Terra – Lertia
Trem – Rentie
Trem de Carga – Rentie Charga
Trem Misto – Rentie Tismio
Trem Direto – Rentie Diteilo
Buceta (Vagina) – Bucrancia
Vai – Raives
Vazo – Rasvio
Velha/o – Lérvia(o)
Venha – Renvia
Vez – Reives
Você – Rovense
Velho – Lérvio
Viado – Vibrailo
Vida – Tirvia
Vou – Raives
Xepa – Brecha
Xicara – Cricha –
Zarpar - Zaraupe
Zona - Norzia

Anexo 3 – Entrevista com o sr. Alcari Schizzi (Curinga) em 19/01/2004.

Cerdie sormio, reivoa rismia ofinircia larfia a rigia de H D' Tieili,-
lede rone baice larfia ,reque braicer, mirico raive morasti a lede-
o sormio e lirfio da Mara, Lirfia da Genira e rosmia em Curitiba.

RUSQUINGA

Esse moço, veio a minha oficina falar a giria de H.D' Oeste ele não sabe :
falar, quer apreender, eu vou mostrar a ele.

O moço e filho da Mara, filha da Genira, e mora em Curitiba.

Curinga

Pesquisa recupera gíria inventada na década de 50

Grupo de jovens de Herval do Oeste inventou a larfiagem

JOCE PEREIRA
ESPECIAL PARA O ANEXO

Herval do Oeste — Roveice conhece larfiar? Por mais estranho que possa parecer não se trata de uma língua estrangeira, mas sim de uma gíria criada por carregadores de mala e engraxates na década de 50 no município de Herval do Oeste, localizado na região do Meio-oeste catarinense. A pergunta é: Você sabe conversar? A larfiagem, como é conhecida, nasceu primeiramente da necessidade de um grupo de adolescentes, entre 12 e 13 anos, de enganar a polícia para ganhar alguns trocados carregando a bagagem dos viajantes que chegavam a estação ferroviária.

Naquela época, só podiam fazer este trabalho os carregadores que eram credenciados. Como não existia catálogo, os viajantes traziam amostra dos produtos que vendiam e isso resultava em muitas e muitas malas e, como não havia táxis, em alguns bons trocados para os adolescentes. Além de driblar a polícia, os carregadores clandestinos no seu linguajar combinavam o preço entre eles, sem os viajantes entenderem, assim ninguém cobrava mais do que ninguém. No final do dia, isso se convertia num bom dinheiro, pois todos vinham de grandes famílias e com dificuldades financeiras. O pouco arrecadado ajudava, e em muito, no orçamento da casa.

A turma da larfiagem era composta por cerca de 15 jovens, dos quais restaram poucos. De

que mais mantém contato e gostam de larfiar entre si são quatro, todos casados, pais e alguns até avós. Entre eles, o empresário Carlos Tratsk, o Carlão, de 66 anos; o motorista Valdir Petri, 59; o aposentado Moacir Martins, 57; e o professor aposentado Getúlio Galvão, 56. Para recordar os bons tempos e resgatar parte dessa história, eles costumam se reunir, não apenas para matar as saudades, mas para elaborar um dicionário da gíria criada por eles.

DISTORÇÕES

Conforme Carlão, com o passar dos anos e o distanciamento entre eles, muitas das palavras foram esquecidas, quando não distorcidas. "Como a gíria se tornou de domínio público muitos tentam falar, e, como não sabem, acabam distorcendo tudo e o linguajar perdeu muito da originalidade", avalia. Mas foi invertendo a ordem das palavras, que os ex-carregadores de malas criaram a larfiagem. Conforme Petri o "negócio" era mesmo complicar, fazer qualquer coisa para que ninguém, fora da turma, entendesse o que era dito. Eles não sabem dizer realmente de quem foi a criação. Lembram que nasceu de uma brincadeira. "Era muito engraçado ver que as pessoas em volta não entendiam nada, o que era brincadeira de adolescente acabou se tornando uma língua de poucos", diz Petri.

A língua também era muito usada para paquerar as meninas. Para não correr o risco de levar um "carão" era tudo na base da larfiagem. A garota passava e lá ia um deles a larfiar. Se ela passasse direito, ficava tudo por isso mesmo, mas se parasse e perguntasse alguma coisa, com certeza rendia uma boa paquera. Assim, ficar de olho na namorada de outro ou fazer comentários sobre ela era mais seguro. "Quando nassava uma

moça bonita não perdoávamos", lembra Petri. A frase mais usada e só entendida por eles era: "A sornia de lerdé é rombia", ou seja, a moça que está com ele é boa.

O dicionário, que deve ser lançado depois do Carnaval, é também uma homenagem aos amigos da larfiagem que foram morar em outras cidades e até aqueles que já morreram. Carlão acalenta outros dois grandes sonhos, o primeiro é que após se tornar dicionário vire disciplina nas escolas da rede municipal de ensino de 1º grau. "É importante que as nossas crianças conheçam esta parte da história, aprendam a falar e que assim ela se perpetue", sugere. O outro sonho é que a Escola de Samba Unidos do Herval de Herval do Oeste faça um samba-enredo contando na avenida essa história.

Além de inventar novos significados para as palavras, o grupo mudou até os próprios nomes. Carlão virou Larquião; Moacir, Moanirce; Petri, Petili, e Getúlio, Gelurdio. A linguagem também era usada para driblar os professores, principalmente em época de provas. Quando um deles não sabia a resposta perguntava em código para o colega. "A tática não durou muito tempo, pois mesmo não entendendo o que falavam, os professores desconfiavam e proibiam a fala. Aplicar o "golpe" com suas mulheres então, nem pensar. Segundo Moacir, com a convivência, elas foram aprendendo, o que vem acontecendo com os filhos e netos, garantia de perpetuação da linguagem.

LIVRO

A fala é bastante apreciada pelo acadêmico de história da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) de Joaçaba, Alcides Volpato, de 47 anos, que na época era engraxate e tam-

bém fez parte da turma da larfiagem. Conhecido como Chico Crichio, ele transformou a cadeira numa monografia, conclusão do curso de história que explorou a trajetória da criação do linguajar. Para isso,aniu-se por várias vezes com "turma", tomando depoimentos ouvindo cada um com suas particularidades e a sua maneira de falar. A pesquisa acabou se tornando um trabalho de 70 páginas. "Ela veio dar legalidade ao linguajar, conferindo-lhe reconhecimento científico".

Ao encerrar a pesquisa histórica, Volpato acabou formando um vocabulário com 350 palavras. O trabalho chamou a atenção da coordenação do curso de história que vai transformar em um livro. O acadêmico entrou em contato com vários professores de linguística orientadores de várias áreas para fazer o trabalho de correção e publicar a monografia.

DICIONÁRIO

PALAVRAS	NÚMERO
Homen: moile	1: moile
Mulher: rosbie	2: zorbio
Eu: mirco	3: zertie
Tu: roveice	4: tiarco
Nós: roisne	5: oricio
Ele: lerdé	6: zersia
Simemolle:	7: tiersie
afirmação	8: tiolbo
positiva ou	9: moile
negativa	10: zerbio

DIAS DA SEMANA

Segunda-feira: giciunda lerfi
Terça-feira: zertia-lerfia
Quarta-feira: tiarco-lerfia
Quinta-feira: cricia-lerfia
Sexta-feira: tirquia-lerfia
Sábado: braicídio
Domingo: não há tradução (a turma não trabalhava nesse dia).

Anexo 5

Entrevista com o Alcari Schizzi (Curinga) em 11/09/2004.

1) Um trecho de uma música.

O Benedito brigou com a Benedita foi parar com ela no distrito
['sjos bene'kriʎo gri'bjo kwa bene'kriʎa 'Rojfe sar'pja cõ 'leða no des'triʎo]

Agora o delegado quer saber quem tem razão
[i a'lɔrgja o dele'dzjargo 'Reke braj'se kě 'Rětʃe Ra'rõze]

Será será o Benedito
[Rej'sja Rej'sja sjos bene'kriʎo]

2) Imagine que o senhor estava chegando na estação. Como cumprimentava os outros meninos.

Alô moço, como vai? Como vai? Você vai bem?
[a'lo 'sormjo 'komo 'Rajve ... 'komo 'Raive vo'reske 'Ratʃi bẽ.. 'rẽbe]

Eu quero falar com você.
['mirko 'Reke lar'fja kõ vo'reske]

3) Frases de controle.

a) Eu vou levar a minha namorada ao cinema no sábado.
['mirko 'Rajve dʒe'ga 'mirka 'sormja no mi'nersja no 'brajsido]

b) Ela não quer trazer uma coca-cola pra mim.
['leða 'Rone 'Reke zar'tje uma 'tʃɔrkja 'lɔrka 'para 'mirko]

c) Nós não temos dinheiro para ir à festa.
['zɔrnje 'nãw 'Rětʃe 'nibra 'Rapa 'ire na 'tʃesfa]

d) Ele pegou a faca antes de ir embora.
['lede gra'pjo a 'tʃarfa 'ãtes de i ẽ 'rɔsbja]

e) Você bebeu muita cerveja ontem.
[Ro'vẽse mote'ro 'muũta bre'seʒa 'tʃojle]

f) Ele não tem dinheiro pra pagar o telefone.
['lede 'Rone 'rětʃe 'grãna pra gra'pja o tele'nõrfjo]

Anexo 6 – Análise do Anexo 2

Este glossário do linguajar foi construído basicamente a partir do Anexo 2, porém foram acrescentados alguns itens que obtivemos das gravações que fazem parte do corpus desta dissertação e de indagações que fomos fazendo durante a pesquisa. Alguns itens, no entanto, foram recolocados, como é o caso de *Em Lórbia* e *Em chárbio*, que foram classificados como *lórbia* e *chárbio*, pois a preposição *em* não faz parte da encriptagem. Foram excluídas entradas como *crivo* (cigarro), pois se trata de uma gíria empregada também por outros grupos, e, portanto, não sabemos ao certo se do linguajar passou para outros ou se o linguajar tomou emprestado este item lexical de outra gíria. Remenche (2003) arrola *crivo* entre os itens empregados pelos internos do sistema penitenciário do estado do Paraná. Há outras muitas outras modificações de natureza semelhante.

Também, é importante salientar que há discordância dos informantes a respeito da existência de certos vocábulos e também a respeito de como ficam certos vocábulos no linguajar. Como não é intenção deste trabalho dar legitimidade à versão de um ou outro informante, apenas cataloguei todos que chegaram ao meu alcance, catalogando inclusive duas formas possíveis apresentadas por informantes diferentes, e.g. a palavra *banana*, que alguns dizem *larbiana* e outros *tcharbana*.

Quanto aos números, algumas pessoas me disseram que não existem no linguajar todos aqueles arrolados por Volpato (2003). Optei por catalogar todos e deixar para pesquisadores futuros, se houver interesse, verificar o que acontece nestes casos.

Meses do ano

Janeiro –	lanêrgio
Fevereiro –	lefelêrveio
Março -	sármio
Abril -	alirbe
Maió -	lármio
Junho -	núrgio
Julho –	lúrgio
Agosto –	adiosgo
Setembro –	bresêndio
Outubro –	obrútio
Novembro –	lonêmbrio
Dezembro –	debrênsio

Dias da semana

Sábado-	braicídio
Domingo-	murdingo
Segunda feira-	criciunda-Rêrfia
Terça-feira-	tierça-Rêrfia
Quarta-feira-	tiarca-Rêrfia
Quinta-feira-	tirquia-Rêrfia
Sexta-feira-	tertia-Rêrfia

Numeros ordinais

Primeiro –	lirpieiro
------------	-----------

Segundo –	criciundo
Terceiro –	letiêrcio
Quarto –	tiarco
Quinto –	tínquio

Números cardinais

1 –	urco
2 –	zôrdio
3 –	zert
4 –	tiarco
5 –	críncio
6 –	zerce
7 –	tiérce
8 –	tioilo
9 –	gróile
10 –	zêrdio
50 -	crincienta
100 –	rence
1.000 -	riume

Glossário

Abacaxi –	bachariuche/bacariuche
Abraço –	assárbio
Água -	ieráulia
Alemão –	amelão
Amanhã –	rosmiã

Amante – atiãsmé
 Aqui – acríude
 Aquilo – alírquio
 Assunto – atchunrso
 Avó - arove
 Avô – arove
 Baixinho – charbinho
 Baixo – chárbio
 Bala – lárbia
 Banana – larbiana/tcharbana
 Banguela – banléquia
 Banho – rãmbio
 Baralho – larbaio
 Barbeiro – barêrbio
 Bastante – tchasbante
 Batata – tharbata
 Bater – bareutche
 Bêbado – tcherbo
 Beber - berebe
 Bebeu – bereube
 Bem – rembe
 Biboquê – biboreuque
 Bicha – chírbia
 Bicho – chírbio
 Bóla – lórbia
 Bolacha – lorbiacha
 Bolo – lôrbio
 Bom – rômbo
 Boné – boréube
 Boneca – bucréulia/bunérquia
 Bonita - norbita
 Bonito – norbito
 Borracha – brocharbia
 Bosta - tchosba
 Braço – braiço
 Bravo – rarbio
 Broxar – brorauche
 Buceta – bucrancia
 Bucho – chúrbio
 Bulica – lurbica
 Bunda – chumba/lordo
 Buraco – bucrailo
 Burro – rúbio
 Buscar – burasque
 Cabeça – cacêrbia
 Cabelo – branquelo/calêrbio
 Cacete – catiêrse
 Cachaça – grímpia
 Cachorro – charcoro
 Cadeia – diarêquia
 Cadeira – lanêrquia
 Café – carréufe
 Cagar – tchargar

Calça – sárquia
 Calção – caronce
 Camisa – zarmírquia
 Cantar – tchancar
 Capilé – calipié
 Capitão – capirontche
 Carne – nárquia
 Carro – ráquio
 Carteira – caretcha
 Casa – zárquia
 Casar – zarquar
 Catecismo – catemírcio
 Cavalo – calárvio
 Cebola – leçorbia
 Certo - tcherso
 Cerveja – breceja
 Chão – ronche
 Chapéu – brachéu/charréupe
 Chave - brauche
 Chegar – greissar
 Chicletes – chireuque
 Chover – broicher
 Chupador – bruchador
 Chupar – bruchar
 Chutar – churautche
 Chuteira – chureutcha
 Cima – mírcia
 Cinema – minêrcia
 Cobiçada – broquirciada
 Cobiçar - bronquirciar
 Coca-Cola – tchorca-lorca
 Coisa – zôrquia
 Colono – lhonorco/dionorco
 Comer – coreme
 Comida – murquida
 Comprar – bronquiar
 Compreender bronquender
 Contar – tchoncar
 Conto – tchonco
 Correr – roquer
 Coxa – chôrquia
 Cu – ruque
 Cunhada – rudiarca
 Cunhado - rudiarco
 Dar – radiar
 Deixar – cherdiar
 Dela – de leda (é)
 Dele – de lorde (ê)
 Delegado – delerguiado
 Demais – desarme
 Depois – deroispe
 Descer – serdier
 Dia – rídia

Dinheiro –	nibra	Mãe –	rãime
Dono –	nôrdio	Mala –	lármiã
Dormir –	murdir	Maleiro -	larmiero
Duro –	rúdio	Mão –	rome
Ela –	leda (ê)	Matar –	tchasmar
Ele –	lede (ê)	Meia –	rêsmiã
Embora –	emlórbiã	Meio –	lêrmio
Emprestar –	entchespar	Meio-dia –	rêsmio-rídiã
Engraxar -	engrarauxe	Menina –	lermiã
Engraxate -	enxargate	Menino -	lermino
Entender –	entereudje	Mentira –	merimitiã/mirintcha/miritcha
Esconder –	escoreudje	Mesa -	resmiã
Estação –	estaronse	Meu –	mirco
Este -	serde	Mijar –	chirmiar
Eu -	mirco	Minha –	mirca
Faca –	cráfia/nárfiã	Missa –	sírmia
Facão –	faronque	Moça –	sôrmia
Fala –	lárfiã	Morcilha –	munirciã
Fazer –	fareuse	Mortadela –	mortalérdiã
Feia -	lêrfiã	Mula –	lúrmia
Feijão –	feronje	Mulher –	rusmié
Feio –	lêrfio	Mulher Alta –	rosmié Giangue
Ferro –	lêrfio	Namorada –	namofráila
Ficar -	firáuque	Não –	rone
Filha -	lírfiã	Negra -	grêniã
Filho –	lírfiã	Negro –	grênio
Foder -	diorfar	Noite –	choile
Fogão -	grofião	Outro Lado –	esplotchado
Fogo –	groifo	Ovo –	vroilo
Foi –	roife	Pacote –	patchórque
Fora –	lórfiã	Pai –	raipe
Fósforo –	sórfio	Palhaço –	larpiaço
Fulano –	lurfiano	Pão –	rompe
Fumar –	murfiã	Papel –	paréupe
Fumo –	múrfio	Passar –	sarpiar
Gibi –	birige	Patrão –	parontche
Gíria -	rígiã	Pau -	raupe
Gostou –	gorostche	Pé –	reupe
História –	hirostcha	Pedaço –	peçardio
Hospital–	ospirautche	Pegar –	bronchar
Inchado –	ingiárquio	Peido –	tcheibo (ê)
Irmã –	melã	Peixe –	cherpe (ê)
Irmão –	melão	Pelado –	lerpiado
Jacu –	jaruque	Pêlo –	lêrpio
Jogar –	grojar	Pena –	nêrpiã
Jogo –	grojo	Pente -	tchempe
Ladrão –	borrão	Pentelho –	tchenlêpio
Leitão –	lerontche	Perder –	dierper (ê)
Limão –	lirome	Pescar –	perasque
Livro –	vrílio	Pescoço -	pessôrquio
Louco –	croilo	Piá –	piárro
Macaco –	tchasmaco / matcharco	Piça –	sírpiã
Maconha –	manôrquia	Picolé –	lirpioqué

Polenta –	lorpienta	Sogro -	grôisso
Polícia –	lurpícia	Sopa –	sôrpia
Ponta –	tiompa	Subir –	bruisir
Ponte –	tiompe	Sumir –	suriume
Porque –	poreuque	Também –	tarembe
Porta –	tiórpa	Telefone –	telenorfio/teleronfe
Prefeito –	pertieifo	Tem –	rentche
Prefeitura –	preferutia	Ter –	rentchar
Professor -	proferoque (ô)	Terra –	lértia
Professora –	proferosquia (ô)	Teu –	reutche
Pulo –	lúrpio	Tio –	riutche
Putá –	tiurpa	Trabalhar –	brautalhar
Qualquer –	quaréuque	Trabalho –	brautáio
Quem –	renque	Trem –	rentche
Quente –	tchenque	Trem de carga	rentche tcharga
Quer –	réuque	Trem direto –	rentche ditiélo
Quilo –	lírquio	Trem misto –	rentche tísmio
Repolho –	relôrpio	Trocar –	crotiar
Revólver –	relórvio	Tua -	rutcha
Roubar –	borrar	Vai –	raives
Sabão –	sarompe	Vazo –	rasvio
Sabe –	braice	Velha –	lérvia
Saber –	braicer	Velho –	lérvio
Saco -	crácio	Venha –	renvia
Sacola –	salórquia	Veado –	vibrailo
Salame –	larciâme	Veze –	reives
Sapatão –	saparontche	Vida –	tírvia
Sapato –	canaprácio	Você –	rovense/voresque
Sereno –	lercênio	Vou –	raives
Sim –	sirne	Xepa –	brecha
Sobre -	broice	Xícara –	cricha
Sofá –	soraufe	Zarpar -	zaraupe
Sofrer –	groicer	Zona -	nôrzia
Sogra –	gróissa		

Outros

Morteriá: comer/beber

Anexo 7 – O linguajar no orkut (www.orkut.com) acessado em 25/08/05, às 21h 15min

Página inicial da comunidade *Eu larfio na grinfia*:

The screenshot shows a Microsoft Internet Explorer browser window displaying the Orkut website. The address bar shows the URL: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=2959857>. The page title is "orkut - comunidades - ver - Microsoft Internet Explorer".

The main content area features the community name "Eu larfio na grinfia" with a profile picture. Below the name is a description in Portuguese:

descrição: Roveice braice larfiar? Por mais estranho que possa parecer não se trata de uma língua estrangeira, mas sim de uma gíria criada por carregadores de mala e engraxates na década de 50 no município de Herval do Oeste, localizado na região do meio-oeste catarinense. A pergunta é: Você sabe conversar? A larfiagem, como é conhecida, nasceu primeiramente da necessidade de um grupo de adolescentes, entre 12 e 13 anos, de enganar a polícia para ganhar alguns trocados carregando a bagagem dos viajantes que chegavam a estação ferroviária. Naquela época, só podiam fazer este trabalho os carregadores que eram credenciados. Como não existia catálogo, os viajantes traziam amostra dos produtos que vendiam e isso resultava em muitas e muitas malas e, como não havia táxis, em alguns bons trocados para os adolescentes. Além de driblar a polícia, os carregadores clandestinos no seu linguajar combinavam o preço entre eles, sem os viajantes entenderem, assim nasceu este dialeto.

Below the description, the category is listed as "Culturas e Comunidade". Other details include: dono: Felipe Vieceli, tipo: pública, fórum: não-anônimo, idioma: Português, local: Brasil, criado em: terça-feira, 28 de junho de 2005, and membros: 41.

On the right side, there is a section titled "membros (41)" displaying a grid of member profile pictures and names with their respective member counts: Adriano (229), Felícia (482), Márcio (164), Galvão (524), Sarajane (72), Didi (109), Doré (287), Dani (347), Bernardo (371), Guilherme (329), Lauren Cristina (298), and Sérgio (150). A "ver membros" link is provided.

Below the members section is a section titled "comunidades relacionadas" showing three related communities: Ginas Idosas, Herval d'Oeste, and Eu falo qirias!!!.

At the bottom of the page, there is a forum section with a "ver todos os tópicos" link and a list of topics: tópico, autor, postagens, and última postagem.

The Windows taskbar at the bottom shows the system tray with the time 14:39 and several open applications: Iniciar, orkut - comunid..., Windows Media Pla..., dissertação, capa - Microsoft W..., and Anexo 7 - Microsof...

Primeiro tópico dos fóruns da comunidade *Eu larfio na grinfia*:

The screenshot shows a Microsoft Internet Explorer browser window displaying a forum post on the Orkut website. The browser's address bar shows the URL: <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=2959857&tid=18971556>. The page title is "orkut - comunidades - mensagens - Microsoft Internet Explorer".

The forum post is titled "tópico: Miritcha!". It was created by user "Miritcha!" on 1/8/2005 at 10:10. The content of the post is: "Voresque rone larfia na grinfia, seu lármiã, lerontche!". The user "Leandro" is shown as the poster of this message.

On the left side of the page, there is a sidebar for the community "Eu larfio na grinfia" (41 membros). It includes a profile picture and navigation links: "ver perfil", "ver fórum", and "ver eventos".

At the bottom of the browser window, the Windows taskbar is visible, showing the Start button and several open applications: "orkut - comunidades - ...", "Windows Media Player", "dissertação", and "2 Microsoft Word". The system clock shows the time as 14:43.

Segundo tópico dos fóruns da comunidade *Eu larfio na grinfia*:


orkut - comunidades - mensagens - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda


Endereço <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=2959857&tid=18406745> Ir Links

Home | Amigos | Mensagens | Comunidades | Pesquisar | Mídia | O que há de novo | Ajuda | Sair

tópico: VORESQUE RADEIA O RUQUE PO [REDACTED]?

 **VORESQUE RADEIA O RUQUE PO [REDACTED]?** 27/7/2005 02:56
HAHAHAHAH
Renque rone braice o [REDACTED], o vibrailinho que radiava o ruque no Darci?
O reuque voresques larfiam do mome no Orkut?
Sirne mome!

[Lauren Cristina](#)

 **VORESQUE RADEIA O RUQUE PO [REDACTED]?** 27/7/2005 02:56
HAHAHAHAH
Renque rone braice o [REDACTED], o vibrailinho que radiava o ruque no Darci?
O reuque voresques larfiam do mome no Orkut?
Sirne mome!

[Lauren Cristina](#)

[» responder ao tópico](#)

[» voltar aos tópicos](#)

serviço filiado ao Google

[orkut in english](#) | [Sobre o Orkut](#) | [Privacidade](#) | [Termos de uso](#)

Terceiro tópico dos fóruns da comunidade *Eu larfio na grinfia*:

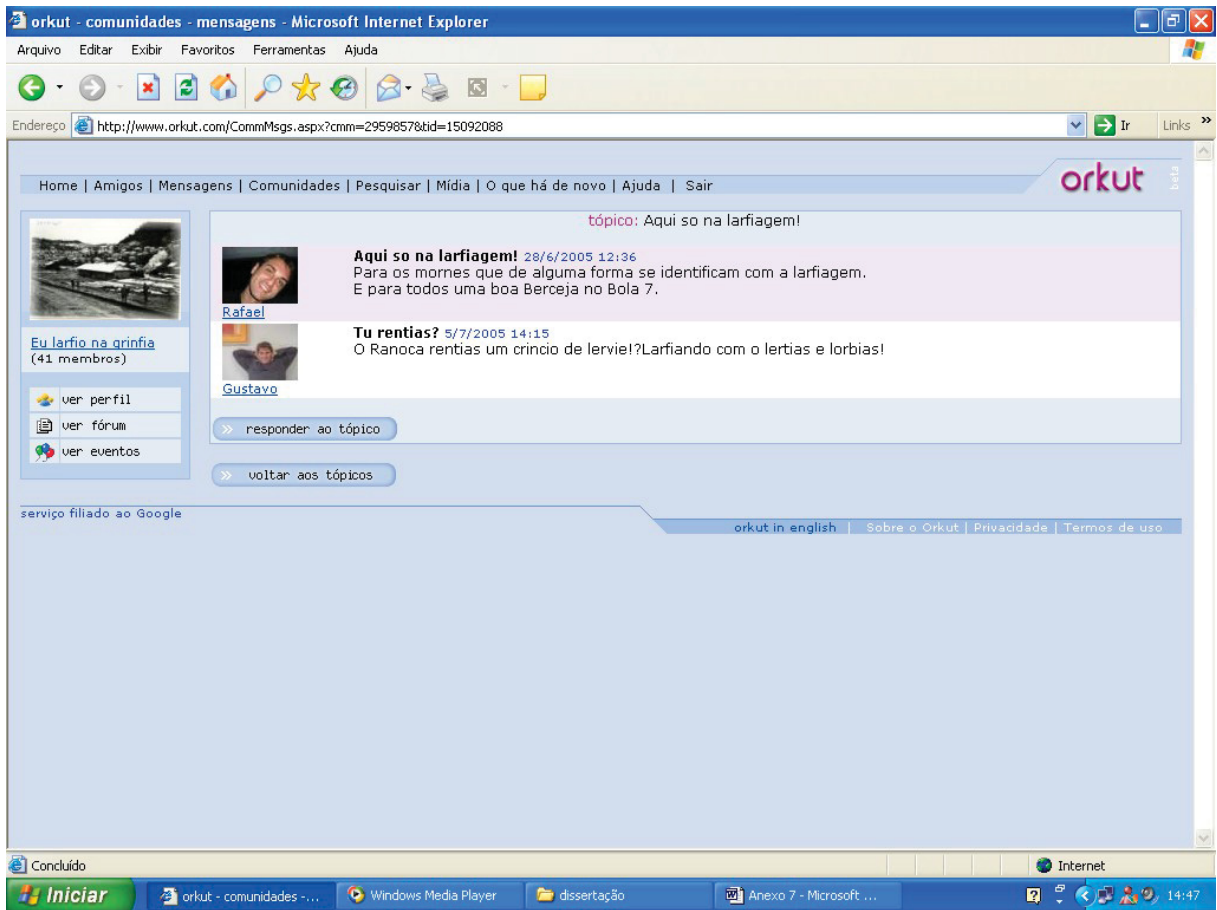
The screenshot shows a Microsoft Internet Explorer browser window displaying a forum thread on the Orkut website. The browser's address bar shows the URL: <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cnm=2959857&tid=16103923>. The forum page has a navigation bar with links for Home, Amigos, Mensagens, Comunidades, Pesquisar, Mídia, O que há de novo, Ajuda, and Sair. The forum title is "Referência...".

The thread contains the following posts:

- Referência...** 6/7/2005 06:42
Sempre escutei algumas dessas palavras... e fiquei muito surpreso ao saber que elas tiveram origem ali mesmo, em Herval!
Achei uma matéria no ANotícia sobre isso (É a terceira matéria da página):
<http://an.uol.com.br/2003/fev/27/0ane.htm>
- Ricardo**
Abraço a todos.
- Felipe** 6/7/2005 13:07
Tudo blz Ricardo.. foi exatamente desta matéria que eu tirei o texto de descrição da comunidade, além das matérias, existe um "dicionário da gíria Hervalense", que foi desenvolvido pelo Sr. Antônio Dalacosta, se alguém se interessar posso conseguir...Abraço
- Didi** 23/7/2005 16:34
Putza sempre achei essas gírias desumanas cara! hauahua mto tesaum !!
Gostaria de saber mais palavras e significados !
Vlaeww galeraa! mto boa a comunidade
- Galvão** 24/7/2005 10:13
Daih Felipe... Consegue o dicionário aih, meu pai ajudou a escrever e talz e ele e eu keremos dar um conferida...
Kem sabe disponibilizar on-line.
Um abração.
T+

At the bottom of the thread, there are buttons for "responder ao tópico" and "voltar aos tópicos". The footer of the page includes "serviço filiado ao Google" and "orkut in english | Sobre o Orkut | Privacidade | Termos de uso". The browser's taskbar at the bottom shows several open applications: "Iniciar", "orkut - comunidades...", "Windows Media Player", "dissertação", and "Anexo 7 - Microsoft...". The system clock shows 14:47.

Quarto tópico dos fóruns da comunidade *Eu larfio na grinfia*:



Quinto tópico dos *fóruns* da comunidade *Eu larfio na grinfia*:

orkut - comunidades - mensagens - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Endereço <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=2959857&tid=15177091> Ir Links

Home | Amigos | Mensagens | Comunidades | Pesquisar | Mídia | O que há de novo | Ajuda | Sair

orkut

tópico: Roveice braice larfiar?

Roveice braice larfiar? 29/6/2005 06:10
"A sornia de larde é rombia"

Dieison

29/6/2005 19:01
voresque braisque larfia na grinfia do orkut barteley...

Felipe

30/6/2005 05:36
sirne, mirco larfio, e larfio rembe

Gizele

Rirgia 5/7/2005 14:12
Mirco rentia larfia na rirgia com o melão!!!

Gustavo

>> responder ao tópico

>> voltar aos tópicos

serviço filiado ao Google

orkut in english | Sobre o Orkut | Privacidade | Termos de uso

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=2035441538672001040> Internet

Iniciar orkut - comunidades - ... Windows Media Player dissertação Anexo 7 - Microsoft ... 14:48


Página inicial da comunidade *Lárfia na grinfia?*:


orkut - comunidades - ver - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Endereço <http://www.orkut.com/Community.aspx?cm=3214301> Ir Links

Home | Amigos | Mensagens | Comunidades | Pesquisar | Mídia | O que há de novo | Ajuda | Sair





lárfia na grinfia?

participar

ver fórum

ver eventos

convidar amigos

falso! denunciar

lárfia na grinfia?

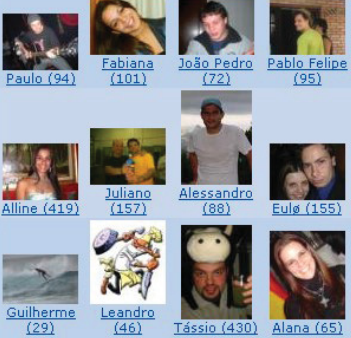
descrição: - Se voreisque é de Heaurve d' Oeste, voreisque braisse larfia assirne.
- Sirne, mirco é de lá, braiço larfia e lárpio rembe.

A gíria hervalense possui características diferentes das demais. Não são expressões da língua portuguesa. São palavras modificadas radicalmente na pronúncia. A formação dos vocábulo não tem regras.

Serda comunidade foi criada para os mornes que lárfia rembe na grinfia.

categoria: Culturas e Comunidade
 dono: [Leandro Anqli](#)
 tipo: pública
 fórum: anônimo
 idioma: **Português**
 local: Brasil
 criado em: quinta-feira, 7 de julho de 2005
 membros: 13

membros (13)



ver membros

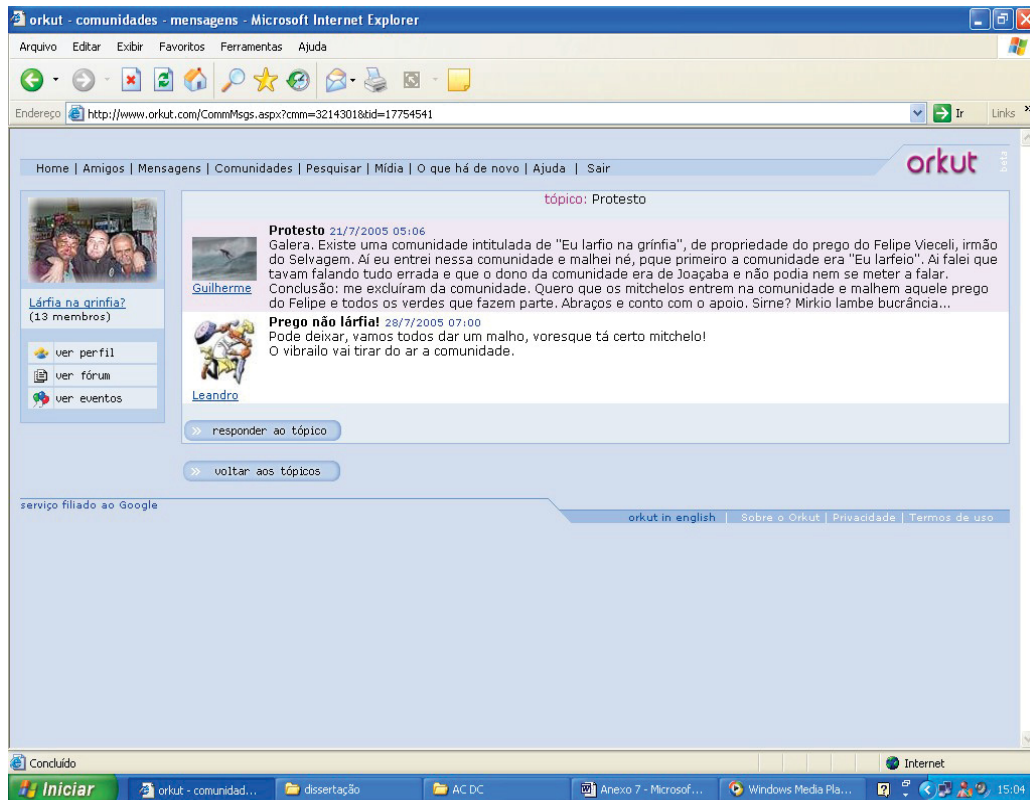
fórum [ver todos os tópicos](#)

tópico	autor	postagens	última postagem
Protesto	Guilherme	2	28/7/2005 - 07:00
Dicionário	Guilherme	1	19/7/2005 - 14:51
Quando tudo começou	Paulo	1	12/7/2005 - 13:10

Internet

Iniciar orkut - comunid... dissertação AC DC Anexo 7 - Microsof... Windows Media Pla... 15:03

Primeiro tópico dos fóruns da comunidade *Lárfia na grinfia*?:



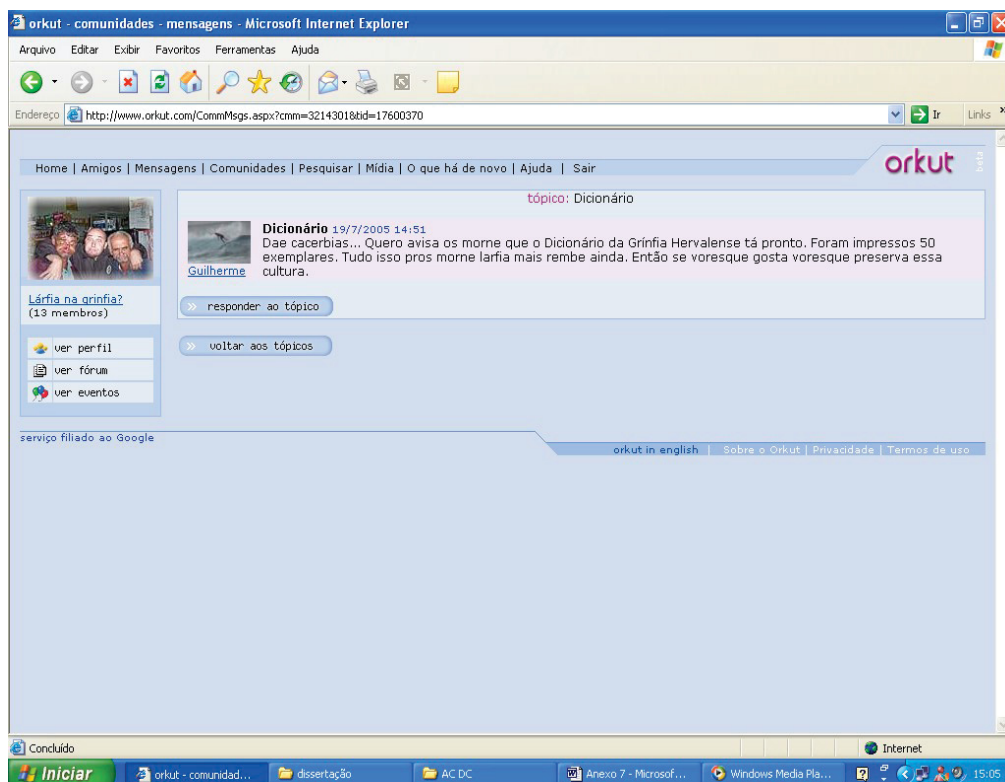
The screenshot shows a Microsoft Internet Explorer browser window displaying a forum post on the Orkut website. The browser's address bar shows the URL: <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=3214301&tid=17754541>. The page title is "orkut - comunidades - mensagens - Microsoft Internet Explorer".

The forum post is titled "tópico: Protesto". It contains two messages:

- Protesto** 21/7/2005 05:06
Galera, Existe uma comunidade intitulada de "Eu larfia na grinfia", de propriedade do prego do Felipe Vieceli, irmão do Selvagem. Ai eu entrei nessa comunidade e malhei né, pqe primeiro a comunidade era "Eu larfeio". Ai falei que tavam falando tudo errada e que o dono da comunidade era de Joaçaba e não podia nem se meter a falar. Conclusão: me excluiram da comunidade. Quero que os mitchelos entrem na comunidade e malhem aquele prego do Felipe e todos os verdes que fazem parte. Abraços e conto com o apoio. Sirne? Mirkio lambe bucrância...
- Prego não larfiat!** 28/7/2005 07:00
Pode deixar, vamos todos dar um malho, voreisque tá certo mitchelo!
O vibrailo vai tirar do ar a comunidade.

The post is by user "Leandro". There are buttons for "responder ao tópico" and "voltar aos tópicos". The page footer includes "serviço filiado ao Google" and links for "orkut in english", "Sobre o Orkut", "Privacidade", and "Termos de uso". The Windows taskbar at the bottom shows the system tray with the time 15:04 and several open applications.

Segundo tópico dos fóruns da comunidade *Lárfia na grinfia?*:



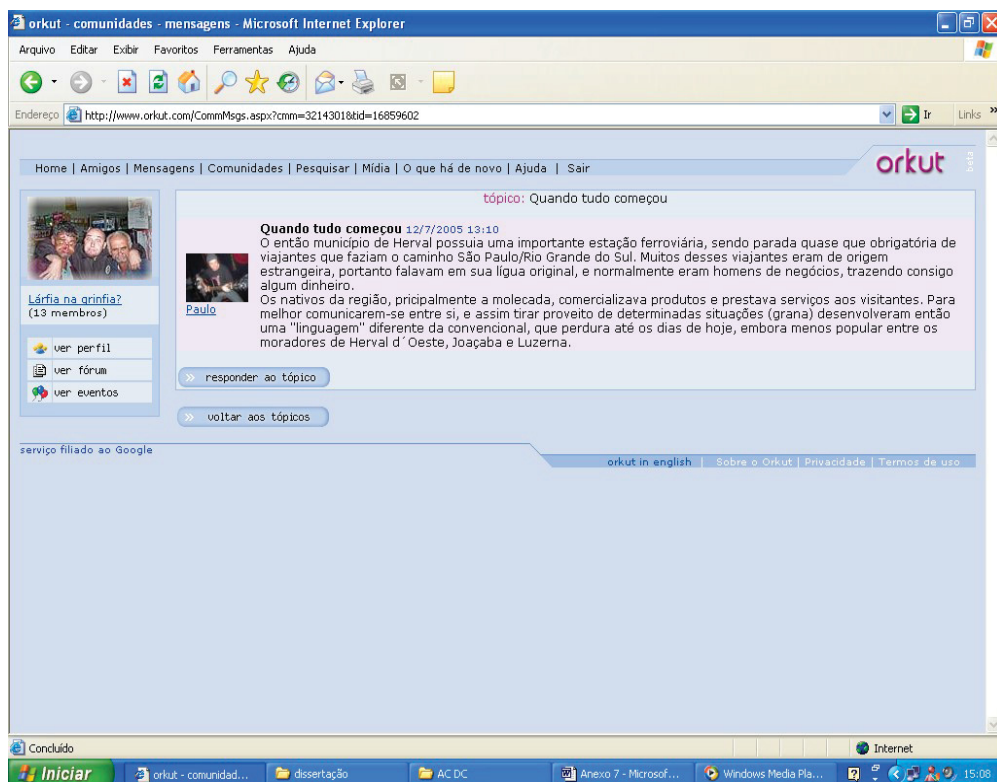
The screenshot shows a Microsoft Internet Explorer browser window displaying a forum post on the Orkut website. The browser's address bar shows the URL: <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=3214301&id=17600370>. The page title is "orkut - comunidades - mensagens - Microsoft Internet Explorer".

The forum post is titled "Dicionário" and was posted on 19/7/2005 at 14:51 by a user named "Guilherme". The post content reads: "Dae cacerbias... Quero avisa os mome que o Dicionário da Grinfia Hervalense tá pronto. Foram impressos 50 exemplares. Tudo isso pros mome larfia mais rembe ainda. Então se voreisque gosta voreisque preserva essa cultura." Below the text are two buttons: "responder ao tópico" and "voltar aos tópicos".

On the left side of the page, there is a profile box for the community "Lárfia na grinfia?" which has 13 members. It includes links for "ver perfil", "ver fórum", and "ver eventos".

The browser's taskbar at the bottom shows several open applications: "Iniciar", "orkut - comunid...", "dissertação", "AC DC", "Anexo 7 - Microsof...", "Windows Media Pla...", and "Internet". The system clock shows the time as 15:05.

Terceiro tópico dos fóruns da comunidade *Lárfia na grinfia?*:



The screenshot shows a Microsoft Internet Explorer browser window displaying a forum post on the Orkut website. The browser's address bar shows the URL: <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=3214301&tid=16859602>. The page title is "orkut - comunidades - mensagens - Microsoft Internet Explorer".

The forum post is titled "tópico: Quando tudo começou" and is dated "12/7/2005 13:10". The author is "Paulo". The post content reads:

O então município de Herval possuía uma importante estação ferroviária, sendo parada quase que obrigatória de viajantes que faziam o caminho São Paulo/Rio Grande do Sul. Muitos desses viajantes eram de origem estrangeira, portanto falavam em sua língua original, e normalmente eram homens de negócios, trazendo consigo algum dinheiro.

Os nativos da região, principalmente a molecada, comercializava produtos e prestava serviços aos visitantes. Para melhor comunicarem-se entre si, e assim tirar proveito de determinadas situações (grana) desenvolveram então uma "língua" diferente da convencional, que perdura até os dias de hoje, embora menos popular entre os moradores de Herval d' Oeste, Joaçaba e Luzerna.

Below the text are two buttons: "responder ao tópico" and "voltar aos tópicos".

On the left side of the forum page, there is a profile section for the community "Lárfia na grinfia?" (13 membros) with links for "ver perfil", "ver fórum", and "ver eventos".

The browser's taskbar at the bottom shows the "Iniciar" button and several open applications: "orkut - comunid...", "dissertação", "AC DC", "Anexo 7 - Microsof...", and "Windows Media Pla...". The system clock shows the time as 15:08.

Anexo 8 – Entrevistas (montagem e música)

INFORMANTE	GRAVAÇÃO	EM PORTUGUÊS DO BRASIL
Curinga:	— <i>Paridja, (...) vamo morterá urcas brecejas, moile?</i>	— Padilha, (...) vamos tomar umas cerveja, cara?
Padilha:	— <i>Vamo morteriá berceja no Réupe, tá Rusquina? Adiôrne rovense raive zarpiá o Narartche com os reutches lírfio?</i>	— Vamos tomar cerveja no Pé*. Onde você vai passar o Natal com os os teus filhos?
Curinga:	— <i>Mirco raive sarpiá com a rosmié, os lírfio, e o rudiarco, em Jorabraiça.</i>	— Eu vou passar o natal com a mulher, os filhos, e o cunhado, em Joaçaba.
Padilha:	— <i>Rusquina, o reque voresque raive zêrfie no grudingo?</i>	— Curinga, o que você vai fazer no domingo?
Curinga:	— <i>Mirco roife morteriá um chúbio no Berontche. Mirco roife azásti de vorice de rasmiã... e rone areiche moile?</i>	— Eu vou comer um bucho no Betão**. Eu fui atrás de você de manhã, e não te achei, cara.
Padilha:	— <i>Rovense não reivio acriude qui no mirco brataí, o mirco tava brataiando.</i>	— Você não veio aqui no meu trabalho, eu estava trabalhando.
Curinga:	— <i>O moile, o reque raive zarfiê de froile?</i>	— O cara, o que vai fazer de noite?
Padilha:	— <i>Mirco raives, jorne à tchronne, grojá um trurínquio no rarbe do Gringo. Mirco rintcheia dierpino pra rovense, pra zorne morteriá um jarartche e rovense raive zartiê a rutcha rosmié e o reutches lírfio.</i>	— Eu vou, hoje à noite, jogar um truco no bar do Gringo***. Eu XXXX XXXXX pra você, para nós comermos um jantar e você vai trazer a tua mulher e os teus filhos.
Curinga:	— <i>Sirne, morne. Mirco raive levá a mulher e os lírfio.</i>	— Sim, homem. Eu vou levar a mulher e os filhos.

* Forma elíptica do nome *Pé de Caqui*, bar tradicional da área central de Joaçaba.

** Situado na rua principal de Joaçaba, o *Bar do Betão*.

*** Situado na área central de Joaçaba, o *Bar do Gringo*.

Música:

Renve **rac** **seu** **djárgua** **crótie** **pra** **lórfia** **serde** **sôrmio**
Vem cá seu guarda toque pra fora esse moço

que **tá** **no** **laição** **sandando** **com** **rope-de-crímio** **no** **sôrbio**
que tá no salão dançando Com Pó-de-mico no bolso

roife **lede** **roife** **lede** **rince** **roife** **lede** **que** **grorojo**
foi ele foi ele sim foi ele que jogou

o **rope** **em** **rímico**
o pó em mim

roife **lede** **roife** **lede** **rince** **roife** **lede** **que** **grorojo**
foi ele foi ele sim foi ele que jogou

o **rope** **em** **rímico**
o pó em mim

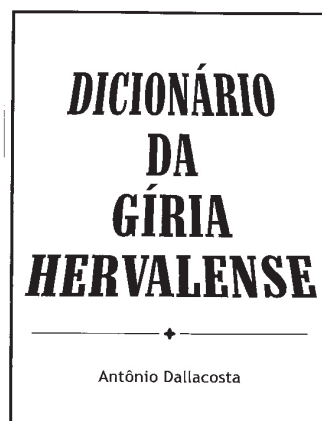
remve **rac** **remve** **rac** **seu** **djargua** **crotie** **pra** **lórfia**
vem cá vem cá seu guarda toque pra fora

serde **sôrmio**
esse moço

que **tá** **no** **laição** **sandando** **com** **rope-de-crímio** **no** **sôrbio**
que tá no salão dançando com pó-de-mico no bolso

Anexo 9 – Dicionário da gíria de Antônio Dallacosta

Embora o *Dicionário da Gíria Hervalense*, de Antônio Dalacosta, já tenha sido mencionado na bibliografia, pensamos ser interessante anexar uma cópia *fac simile* da capa e uma do meio do dicionário como exemplo do seu conteúdo. O dicionário, no seu original, tem as dimensões 10 x 7,5 cm e conta com dezenove páginas que apresentam uma história da gíria hervalense e um glossário com os vocábulos.



A

Abacaxi - Bacariuche
Abraço - Abráço
Alemão - Alerome
Aqui - Acriude
Aquilo - Alíruquo

B

Baixinho - Charbinho
Bala - Lárbia
Banana - Larbiana/tcharbana
Banho - Râmbio
Baralho - Larárbio/larbaio
Barbeiro - Bârebio
Batata - Tcharbata
Bater - Bâreutche
Bebeu - Bereube
Bem - Rembe
Bicha - Chírbia
Bicho - Chírbio
Birboqué - Biboreuque
Bola - Lórbia

Bolacha - Lorbiacha
Bolinha - Lurbica
Bolo - Lórbio
Bom - Rômbio
Boné - Boréube
Bosta - Thósbá
Braço - Bráço
Broxar - Brorauxe
Buceta - Bucrância
Bucho - Chúrbio
Bunda - Tchumba
Buraco - Bucráio/lurbiáco
Buscar - Burasque
Burro - Rúrbio

C

Cabeça - Brauquécia/cacerbia
Cabelo - Calerbio
Cacete - Catherse
Cachaça - Cabracha
Cachorro - Charcorro
Cadeia - Diareca
Cadeira - Diareuca

Depois - Deroispe
Dez - Zérdio
Dinheiro - Nibra
Dois - Zórdio
Dormir - Dorime
Duro - Rúdio

E

Ela - Léda
Ele - Lede
Embaixo - Enchárbio
Embora - Enlórbia
Emprestar - Entchespar
Emcima - Enmircia
Engraxar - Engrarauxe
Esconder - Escoreudhe
Estação - Estaronse
Este - Serde
Eu - Mírco

F

Faca - Nárfa
Facão - Faronque
Fala - Lárfa
Feijão - Feronje
Feio - Lerfio
Filho - Lirfio
Foder - Diorfar
Fogão - Forongue
Fogo - Groifo
Foi - Roife
Fora - Lórfia
Fulano - Morne
Fumar - Murfiá
Fumo - Murfio

G/H

Gibi - Gíriube
Gostou - Gorostche
Homem alto - Titarondhe
Hospital - Ospirautche

Anexo 10 – Gravações

No presente CD, encontram-se as gravações das transcrições apresentadas nos Anexos 5 e 8. Estas gravações foram todas coletadas com um gravador SONY M-335, com fitas cassete MC-60 e transformadas em arquivo digital através do programa SONY Sound Forge 7.0 (2003). Ao todo são quatro faixas, sendo:

1. Montagem de diálogo a partir de duas entrevistas
2. Trecho de um samba encriptado para o linguajar.
3. Trecho de um samba encriptado para o linguajar.
4. Frases de controle.